

**A Construção do Símbolo e o Acesso à Realidade. Resenha e Reflexões sobre a Obra  
Gnosiológica de Bion:  
*Aprendendo com a Experiência*<sup>1</sup>**

**The Construction of the Symbol and the Access to the Reality. Summary and Reflections on  
Bion's Gnosiological Work: Learning with the Experience**

*Para que fome é o pão da fantasia?  
Que sede cede a um gole de poesia?*  
Antonio C. Oppermann Thomé<sup>2</sup>

*O homem é o sonho de uma sombra.  
Píndaro, citado por Schopenhauer.*<sup>3</sup>

**Somos feitos do mesmo estofa  
Que os sonhos são feitos e a nossa breve vida  
Está rodeada de um sono.**  
Shakespeare, citado por Schopenhauer.<sup>4</sup>

**Ana Cristina Briani\***  
**Betina Cerri Gazolla\***  
**Carlos Marcício Naumann Machado\***  
**Eliane Perotti Rezzadori\***  
**Fernanda Real Dotto\***  
**Janaína Kriger Wagner\***  
**Lauro Dagnese\***  
**Luana Klein Azevedo e Souza\***  
**Mayara Pessota Leite\***<sup>5</sup>  
**Juliano Fontanari\*\***<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Dados retirados de Bion, W. R. – *Aprendiendo de la Experiencia*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966. Tradução supervisionada por Leon Grinberg e Bion, W. R. – *Os Elementos da Psicanálise* (Inclui o *Aprendendo com a Experiência*). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966. Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa. O título sugere a preciosa relação, em Kant e Schopenhauer, do *númeno* (coisa-em-si, inacessível, não cognoscível, real) com o *fenômeno* (experiência vivenciada na consciência, na mente) e como o primeiro imprime o último que, depois, opera sobre o primeiro.

<sup>2</sup> *Encantador de Abismos*. O Náufrago. Editora UniProm, Porto Alegre, p19, lembrado em conversa com o colega e amigo autor.

<sup>3</sup> Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo. Unesp, 2005, p60.

<sup>4</sup> Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo. Unesp, 2005, p60.

<sup>5</sup>\*Psicólogos e Psicanalistas, Graduandos do III Ano do CIPT, Membros Efetivos do CIPT.

**Resumo:** Os autores resenham o *Aprendendo com a Experiência Emocional*, enfatizando algoritmos com relevância clínica, como a função-alfa e a gênese da consciência e do símbolo a partir do outro, a distinção do que é animado e inanimado e da realidade que será vista pela subjetividade constituída por determinada *reverie*. Enfatizam também a demonstração da semelhança entre o *aprender com a experiência* do lactente, do paciente e do cientista e a tolerância à frustração capaz de abandonar, depois de ter construído, um sistema de notação – memória – que necessariamente habitará o desejo e impedirá o acesso ao novo que só se dá nos encontros, na presentificação.

**Summary:** The authors summary *Learning with the Emotional Experience* emphasizing algorithms with clinical relevance, as the *function-alpha* and geneses of the conscience and the symbol from the other, the distinction of what is livened and what is inanimate and the reality that somebody was seen for the subjectivity constituted of determined *reverie*. Also they emphasize the demonstration of the similarity enters learning with the experience of the suckle, the patient and the scientist and the tolerance to the frustration capable to abandon, after having constructed, a notation system - memory - that necessarily will inhabit the desire and iwill hinder the access to the new that only if of the one in the meeting, in the presentification.

**Descritores:** Kant, Hume, crescimento, desenvolvimento, abstração, modelo, representação, lógica, narrativa, pré-concepções, conceitos e ciência.

**Keywords:** Kant, Hume, growth, development, abstraction, model, representation, logic, narrative, preconceptions, conceptions, concepts and science.

---

<sup>6\*\*</sup>Médico, Neurologista e Psiquiatra, Mestre em Lingüística - PUC-RS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.

A obra de Bion parece – parece, pois não pretendemos afirmar que conseguimos sua exegese - ter a preocupação de criar um modo – modelo, *código, sistema, jeito* – de transmissão do conhecimento psicanalítico, que não dependa diretamente do método psicanalítico, da práxis, da clínica, da presentificação sistemática do objeto de estudo, tal como existem sistemas gráficos para ensinar a tocar instrumentos musicais ou, uma vez aprendidos, para tocar uma música a partir da partitura. Ele reparou que, ao tentarmos descrever como isso se dá, como podemos descrever o conhecimento psicanalítico, estamos às voltas com o mesmo fenômeno presente na descrição de como se desenvolve o *aparelho para pensar pensamentos*. Ou no problema de *como dizer, em uma interpretação, algo que o paciente não disse em suas associações*, na diferença entre *interpretação e construção*; sugestão: Ou, em uma interpretação, com o problema de como dizer, na diferença entre interpretação e construção, algo que o paciente não disse em suas associações; de como *descrever uma personalidade*, o objeto que tem resistido ao acesso empírico, pois é um suposto da própria observação, como assinalou Schopenhauer.

Estas questões todas são prementes no dia-a-dia da clínica, quando é freqüente que nos perguntemos: *E agora? O que interpretar? Qual construção fazer?* A obra que tenta modelar questões como estas necessariamente exige esforço de compreensão. Surgiu ao longo dos anos e dos seminários, a idéia de se tentar, mesmo que de modo inicialmente tosco, extrair alguns algoritmos arrancados – ou criados - por Bion de sua clínica psicanalítica e postos à nossa disposição. O objetivo é pontuar esses achados, discriminados a partir de sua relevância clínica. Fizemos várias tentativas e o que segue é a composição de anos de seminários sobre o tema e dos esforços de muitos. Este tipo de estudo é exaustivo e tem resultado desanimador, pois, ao final, o que temos nem de longe apresenta o brilho da obra original, além de pretender encontrar elementos especificamente relevantes para a clínica, o que necessariamente elimina e discrimina outros. Ressalvados estes dados, devemos ter em conta que, pelo menos, exercitamos nossos músculos psíquicos. O presente texto, em todo o seu conteúdo, deve ser considerado basicamente uma resenha, salvo os inúmeros e certos equívocos dos autores. Considere-se, ainda, que alguns dos documentos utilizados foram traduzidos livremente do espanhol.

Grinberg, responsável pela revisão da edição espanhola, assinala, na apresentação, que a leitura do *Aprendendo...* evoca a visão de uma obra de arte que nos deixa meditando para decifrar seu sentido. Alerta para a complexidade do conteúdo, aliada à da exposição. Ele várias vezes optou por respeitar a obscuridade e a ambigüidade do estilo de Bion, que diz encontrar-se na posição de um cientista, persistindo no emprego de uma teoria que sabe ser imperfeita, porque ainda não se descobriu algo melhor que a substituísse. Bion mesmo recomenda que se leia seu texto sem preocupação com pontos obscuros, os quais são obscuros, porque não é possível mesmo torná-los claros no momento. Solicitamos, então, que o leitor tenha em conta a limitação de nosso presente estudo que, em parte, decorre de nossa dificuldade, mas, principalmente, de uma obra complexa que merece ser lida e relida por todos os práticos da psicanálise.

O *Aprendendo...* é um texto curto, com vinte e oito capítulos, cento e trinta páginas em tipo pequeno, sem títulos outros que sua numeração, para cuja leitura Bion fornece o roteiro que segue. O capítulo I define os termos. O II delimita o campo onde estes termos serão usados. O III começa a descrição (clínica) de experiências emocionais, *realizações*, das quais Bion mesmo participou. Ele alerta que este tipo de relato para *representar* algo cria menos problemas que outros como a *fotografia* e a *gravação*, que podem *acrescentar valor de verdade ao que já foi falsificado*; além do que, persiste o problema da interpretação de quem vê ou escuta<sup>7</sup>. O IV retoma o conteúdo do livro. Os capítulos V a XI descrevem fenômenos clínicos relacionados ao conteúdo do livro – *função-alfa e barreira-de-contato*. No final do capítulo XI, o autor assinala as duas grandes divisões da psicanálise atual: a diferença entre *evitar* a frustração e *modificá-la*. O XII ocupa-se de

---

<sup>7</sup> Quem quer que tenha gravado uma sessão e se pôs a ouvi-la, depois de algum tempo, verá a distância do que ouve com a experiência emocional da sessão. Esse é um problema teórico não trivial.

identificação projetiva, gênese do pensamento, a experiência oral e alimentar como um modelo para o pensar e a importância do devaneio – *reverie* – materno para a constituição deste aparelho no bebê. O **XIII** trata de problemas relacionados ao registro de sessões e leva a um método de *notação* no capítulo **XIV**. Os capítulos **XIV** a **XVI** (subtitulados *O Elo* ou *Vínculo K*) introduzem os sinais **L H** e **K**. Os **XVII** e **XVIII** retomam o uso da *abstração*, *função-alfa* para a gênese dos pensamentos, ocupando-se dos problemas da *abstração*, *generalização*, *concretização* e *particularização*. O **XIX** inicia a análise e o emprego de modelos psicanalíticos. O **XX** é uma investigação da *abstração*, na qual se tenta usar sinais abstratos para elucidar, para resolver problemas de *abstração* como ocorrem nos tratamentos. O **XXI** (subtitulado **-K**) introduz a oscilação entre a posição esquizo-paranoide e a depressiva e sua relação com o aprendizado e a experiência emocional, relacionada a termos empregados em teorias da causalidade. Os capítulos **XXII** e **XXIII** analisam a *abstração* e a *construção* de modelos na prática psicanalítica. Os **XXIV** a **XXVII** dão continuidade, mas centrados no vínculo **K**. O capítulo **XXVIII** ocupa-se do mesmo tema no tocante a **-K** (menos **K**).

Bion tenta uma teoria das funções<sup>8</sup> aplicada à prática psicanalítica – no livro seguinte, os *Elementos...* define quais os fatores destas funções. A idéia é, com estas funções, articular o particular do paciente com o geral da teoria psicanalítica. Ele está dirigido a dirimir problemas postos por pacientes com transtornos do pensamento e ocupa-se das experiências emocionais subjacentes ao conhecimento, dedicando-se aos problemas da experiência do aprendizado, à experiência dolorosa do conhecimento e ao que é possível fazer com essa dor. Evoca de início, para dar conta deste problema, dois instrumentos: a *filosofia* e a *psicanálise*. Ocupa-se também da dificuldade em transmitir a experiência psicanalítica e lembra que, até então, sempre se diz que, sem tratamento pessoal, não é possível saber o que é psicanálise. *Mas, então, que valor tem um conhecimento que não pode ser transmitido? Que só é transmitido quando na presença do objeto de conhecimento – o tratamento?* Este livro, diz Bion, é uma tentativa de *compreender a compreensão* do psicanalista.

Ocupa-se, então, em sua obra gnosiológica, da qual este texto é o início, do seguinte:

1. como se dá a construção do aparelho simbólico – conjunto de teorias sobre o mundo, sobre o outro e sobre nós – que chamamos de ego<sup>9</sup>? Bion desenvolve, em especial, a função da identificação projetiva, a personalidade prévia – *o bebê psicótico* – e sua capacidade de tolerância à frustração e repara que, como o bebê, o psicanalista - a psicanálise está dividida em dois grandes grupos quanto ao tema da frustração – depara-se com escolha entre duas tarefas: *fugir* da frustração ou *modificá-la*;
2. como o mesmo fenômeno que se dá nas origens da vida, acontece na clínica vincular, como descrever isso? Bion lança mão de uma metalinguagem difícil: função, função-alfa, fator, abstração, representação, sinal, símbolo, fenômeno e número (Kant); qualidades primárias e secundárias (Kant e Hume); conjunção constante (Hume); fato selecionado (Poincaré e Bion); sujeito, objeto psicanalítico, objeto matemático, aparelho para pensar pensamentos e, sobretudo, modelo como contraste entre teoria e realização;
3. repara que o fenômeno da construção simbólica na criança envolve o mesmo problema do cientista tentando compreender o mundo – encontra as mesmas invariantes (constantes) na base – e que a *parte psicótica da personalidade* - mais um conceito problemático, pois, embora o *fato* psicótico seja o mesmo em Freud e em Bion, a compreensão de Bion para o que seja o fenômeno psicótico difere

<sup>8</sup> Veja-se a definição matemática em <http://pt.wikipedia.org/>

<sup>9</sup> Lembremos que, a partir da segunda tópica, o id não é mais depositário de representações.

bastante da de Freud – *desvitaliza*, como faz o cientista, mas como descrever algo vivo com instrumentos *mortos*?

4. Como descrever a consciência-de-si e o conjunto de símbolos correlatos a esta descrição? Daí a descrição de elementos-beta, tela-beta, elementos-alfa, tela-alfa, pré-concepções, concepções, conceitos, retículo, linha, emoções, vínculos **L H** e **K** e a priorização do vínculo **K** em sua obra.

Ainda, existem mais duas notáveis magistrais lições em Bion, que vamos repetir agora, as quais se referem à expansão destes conceitos ao social e ao grupo. A primeira está no final do livro:

*Finalmente, embora eu não vá prosseguir, percebe-se que as teorias em que usei os sinais **K** e **-K**, representam a realização em grupos. Em **K**, o grupo cresce pela introdução de novas idéias<sup>10</sup> e pessoas. Em **-K**, a nova idéia (ou pessoa) é privada de seu valor e o grupo, por sua vez, sente-se desvalorizado pela nova idéia. Em **K**, o clima conduz à saúde mental. Em **-K** nem o grupo, nem a idéia podem sobreviver, em parte, devido ao produto do processo de despojar ou privar.*

A segunda lição refere-se aos modos de tramitação das interfaces (inter e transsubjetividade) entre as mentes, compondo grupos e instituições e *a produção simbólica capaz, possível, nestas interfaces*:

*No grupo, parece se dever considerar o mito<sup>11</sup> como desempenhando, na sociedade, o mesmo papel que o modelo desempenha no trabalho científico do indivíduo.*

## Capítulos I a IV

### Das Definições

**Função** – Bion deseja que a ambigüidade de seu uso deva persistir, já que o conceito que temos é matemático. Não interessa o que uma função pode ser. O emprego do termo tem o propósito de assinalar que, se a pessoa está fazendo um cálculo matemático, caminhando de determinado modo ou brigando, todas estas coisas são *funções* da personalidade e é relevante saber quais os *fatores* envolvidos. O interesse, nesta categorização, decorre de o *uso de idéias* e de *símbolos que as representam* – função meta - estar bem menos desenvolvido do que as idéias mesmas. Dá, como exemplo de *função*, a atribuição de algo que é típico de alguém e que acaba substantivando ou adjetivando algo, em que o verbo, a atividade que qualifica a pessoa deriva de uma característica de personalidade.

**Fator** – seriam os elementos que se combinam de modo a produzir entidades estáveis para as quais vale o termo *funções da personalidade*, como no enunciado: *um fator que temos de ter em conta na personalidade do fulano é sua volubilidade ou sua inveja*. Ou então, *a relação de X com seus companheiros é típica de uma personalidade na qual a inveja é um dos fatores...* Quando os fatores operam em consonância, produzem algo que *nomeamos* função. Os fatores são deduzidos a partir

---

<sup>10</sup> *Suspeito que exista uma contraparte do nascimento de idéias; que alguma razão existe para imaginar que estas penosas experiências que temos relacionam-se com o processo de dar nascimento a uma idéia ou de lutar por estabelecer uma conexão, que é uma forma de pensamento. É possível que uma instituição, uma sociedade de seres humanos, seja incapaz de sobreviver às dores do parto de uma idéia; desagrega-se. Sem dúvida, somos negligentes com nossos partos psicológicos. É como se acreditássemos que o que se deve fazer com uma idéia recém nascida é lhe dar uma boa bofetada (La Tabla y la Cesura. Gedisa Editorial. Barcelon)., 1997.*

<sup>11</sup> Fica mais fácil entender se, no nível de nossas micro-relações, substituirmos *mito* por *fofoca*.

das funções e podem variar em complexidade desde as teorias científicas às realidades que estas teorias pretendem representar, no caso, *realizações*.

Ao longo dos tratamentos aparecem novas funções e novos fatores. Alguns emergem, outros são criados e outros deduzidos porque até então não haviam sido vistos.

**Realização** - o termo *realização* é empregado no mesmo sentido de quando se diz que a geometria euclidiana das três dimensões realiza as estruturas de espaço que reconhecemos – realizamos – consensualmente.

**Sistemas dedutivos** – ou sistema dedutivo científico, refere-se a sistemas lógicos que se opõem francamente à estrutura narrativa da linguagem.

**Teoria das funções** – objetiva a intermediação entre um alto nível de generalização (abstração, sistema dedutivo científico) e a realização (concretização, particularização).

**Função-alfa** – o termo está intencionalmente desprovido de significado, objetivando o mesmo que se consegue quando se define uma incógnita em matemática, uma variável que, eventualmente, ganha um valor, um atributo. *É uma necessidade teórica postulada para explicar a constituição do consciente e do inconsciente, separados*. No capítulo **IX**, Bion mostra que esta divisão não é a mais adequada.

A teoria das funções facilita a correlação da realização com o sistema dedutivo que a representa, flexibilizando a teoria psicanalítica para dar conta da pessoa, mas mantendo a *generalização* estável. Ela teria esta função articuladora entre o *geral* – passível do que se considera uma ciência – e o *particular*, pois deve dar conta também das mudanças que se dão no paciente, quer relacionadas ou não ao tratamento.

## Do Argumento e dos Instrumentos

Bion cita Freud em *Dois princípios... esta última* (a consciência) *teve de começar a apreender agora as qualidades sensoriais além das de prazer e desprazer...* Aqui, delicado, discorda de Freud, pois considera que a consciência apreende as qualidades de prazer e desprazer como qualquer outra qualidade sensorial, logo elas têm o mesmo tom que a realidade, o que torna pouco relevante, no presente caso, a distinção entre mundo interno e mundo externo: *a consciência é simplesmente um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas*. O relevante é a distinção entre princípio de prazer e de realidade e a *eleição que um paciente pode realizar entre modificar a frustração* (realidade) *ou evitá-la* (prazer). O passo seguinte, além da consciência que apreende a realidade, é a *atenção* que rastreia, busca e deposita em um sistema de *notação* (memória) os dados encontrados. Como supostos destes *sistemas de buscas e notação*, deve-se considerar algumas teorias como a *cisão* e a *identificação projetiva*; a transição da posição *esquizo-paranóide* à *depressiva* e vice-versa; a *formação de símbolos* e o *desenvolvimento do pensamento verbal*

Bion desenvolve um interessante argumento:

*Uma experiência emocional que ocorra durante o sono... não difere de uma experiência emocional que ocorre durante o estado de vigília... em ambos os casos (as experiências emocionais) têm de serem elaboradas pela função-alfa antes que possam ser usadas para os pensamentos oníricos... a função-alfa opera sobre a sensorialidade e sobre as emoções quaisquer que sejam.*

Se a função-alfa operar bem, ela produzirá elementos-alfa que resultarão adequados para serem armazenados e satisfazerem os requisitos para serem pensamentos oníricos. Se ela estiver inoperante, tanto a sensorialidade como as emoções, permanecerão inalteradas – permanecerão

elementos-beta. Os elementos-beta são *númeno* em Kant<sup>12</sup>, coisas-em-si mesmas, e os elementos-alfa são *fenomenológicos*, *fenômenos*. Os elementos-beta só podem ser usados para identificação projetiva e não como pensamentos. Eles não *significam*, eles ressoam como diapasões, produzem os *acting-out* ou equivalentes.

*São objetos que podem ser evacuados ou empregados para uma forma de pensar que depende da manipulação do que é sentido como uma coisa-em-si-mesma, substituindo palavras e idéias.*

*Os elementos-beta também são armazenados, mas, diferentemente dos elementos-alfa, não são lembranças e sim fatos não digeridos, enquanto os elementos-alfa foram digeridos pela função-alfa, ficando disponíveis para o pensamento.*

*Se o paciente não pode transformar sua experiência emocional em elementos-alfa, não pode sonhar... os elementos-alfa são idênticos às imagens visuais com que estamos familiarizados nos sonhos... Freud mostrou que uma das funções do sonho é preservar o sono... então o fracasso da função-alfa significa que o paciente não pode sonhar e, portanto, não pode dormir...*

*Como a função-alfa determina que as impressões sensoriais da experiência emocional seja acessível ao pensamento consciente e ao pensamento onírico, o paciente que não pode sonhar, não pode ficar dormindo e não pode despertar... o paciente psicótico comporta-se como se estivesse precisamente neste estado.*

A função-alfa deve operar sobre a apreensão da experiência emocional. O depósito dos elementos-alfa serve para os pensamentos oníricos e para o pensamento inconsciente da vigília. A função-alfa é necessária para o pensamento e o raciocínio consciente e para relegar o pensamento (reprimir) ao inconsciente, quando é necessário liberar a consciência da carga do pensamento no aprendizado de uma habilidade – como na automatização do aprendizado de andar de bicicleta.

*Se existem só elementos-beta, que não podem ser feitos inconscientes, não pode haver supressão, repressão ou aprendizado... o paciente não discrimina mas capta todos os estímulos sensoriais... sem dúvida, tal hipersensibilidade não significa contato com a realidade.*

*Os ataques à função-alfa, estimulados pelo ódio ou inveja, destroem a possibilidade de que o paciente estabeleça contato consciente, seja consigo mesmo ou com alguma outra pessoa como objeto vivo... referindo-se como se fosse a coisas ou lugares quando deveria se referir a pessoas... embora se referindo a estas pessoas de modo verbal, ele as vive de modo material e não como representadas por seus nomes.*

**&I algoritmo – existe algo presente na mente, que separa o que é consciente do que é inconsciente, do que é estar acordado, sonhar e do que é estar dormindo, do que é vivo e do que não é vivo e que compõe a consciência-de-si, que transforma quantidades em qualidades, *númeno em fenômeno*, simboliza a realidade. É muito relevante descrever como isto opera e onde isto está. Bion a chama de *função-alfa*.**

---

<sup>12</sup> Muito resumidamente, a propósito desta questão, podemos dizer que Kant, com Locke e Hume a inicia. Tomemos um objeto qualquer, um copo, e nos perguntemos, o que deste objeto persiste se nós retirarmos dele todas as suas qualidades que dependem de nós – cor, forma, utilidade, estrutura do vidro... – e veremos que sentimos que fica algo que não nos é acessível – essa é a coisa-em-si – e este conjunto de qualidades em que se dá a ciência, a experiência humana é a área fenomenológica. Kant supôs que persistiriam sempre como dados o tempo e o espaço – que a física quântica acabou por alterar. Schopenhauer incluiu o eu cognoscente e o objeto de conhecimento nestes supostos. O eu cognoscente sempre resiste ao empiricismo, a ser pesado. Então, como descrever um eu cognoscente, uma personalidade? Esta é uma proposta fundamental de Bion.

## Capítulo V e VI

### **Do embate das emoções: fome, amor, ódio, medo, violência e destrutividade: a cisão necessária e a construção de subjetividades fundadas no ódio**

Estes capítulos ocupam-se da cisão forçada associada à relação perturbada entre o bebê e o seio (ou seus substitutos). Suponhamos que o bem-estar que recebe do seio, do corpo materno, da mãe – amor, compreensão – seja obstruído pelo medo da agressão – dele mesmo ou de parte da mãe. *Se as emoções forem intensas, o lactente evita o seio.* Nesta situação, o amor, no lactente - que teme a agressão - ou (o amor) na mãe, ou em ambos, aumenta a obstrução ao seio, – ao invés de diminuí-la – em parte, por que *não se pode separar o amor da inveja que se sente de objeto tão amado e, em parte, por que se sente que se provoca inveja e ciúmes em um terceiro objeto que fica excluído – o pai.*

*O papel que desempenha o amor nesta situação pode passar despercebido porque a inveja, a rivalidade e o ódio o obscurecem, ainda que o ódio e a inveja não existiriam se não estivesse presente o amor.*

*A violência da emoção reforça a obstrução ao seio, porque não se distingue a violência da destrutividade e a subsequente culpa e depressão. O temor à morte por inanição – a fome intensa – obriga à sucção.*

Acontece que, para fazer isto – sugar neste emaranhado de ódio e medo –, é necessário que o bebê faça uma cisão entre o corpo e a mente, entre os provimentos estritamente do corpo – seio e leite e o olhar, o amar, a compreensão. Está feita a divisão entre *satisfação* material e *satisfação* psíquica – o que nos remete à dinâmica de inúmeros analisandos. Teme-se tanto o medo, o ódio e a inveja que se tomam medidas para impedir o acesso à consciência de todos os sentimentos – o que leva à *destruição da noção de coisa viva mesma.*

*Imagine-se o bebê com ódio e inveja do seio, ter de usá-lo (ao seio) para não morrer; só poderá fazê-lo graças à cisão, que se diferencia daquela que busca evitar a depressão e também da cisão em que predominam impulsos sádicos, quando o objetivo é buscar conforto material sem reconhecer que tal é dado por um objeto vivo. Esta inveja motivada pelo seio que dá amor, compreensão... só se resolve com a destruição da função-alfa que torna o lactente também inanimado...*

**&II algoritmo - é muito relevante observar o emaranhado de emoções e notar que, mesmo algo tão criativo como o amor pode ser prejudicial para o acesso à realidade; devemos, na clínica, estar especialmente atentos a isto: se dermos menos, provavelmente seremos menos invejados e teremos mais chances de ajudar.**

Como estes mecanismos fracassam – pois operam para se afastar da vida – o paciente persiste com dor psíquica e sente que ela se deve à falta de algo – um *vazio* como dizemos atualmente – e sua busca de tratamento consiste na busca de um objeto perdido, um objeto empático, mas ele acaba em uma dependência maior ainda de necessidades materiais, em um ciclo interminável. Sente-se rodeado por objetos nos quais estas emoções estão amalgamadas – objetos bizarros. Ele carece da função-alfa, que lhe permitiria compreender sua dificuldade e acaba vivendo na coisa-em-si, nos elementos-beta, de modo inanimado, apoderando-se de um elemento-beta após outro. Sente toda e qualquer interpretação como má, ao mesmo tempo em que exige cada vez mais. Ele não sente que está recebendo as interpretações, uma vez que isto implicaria na capacidade de estabelecer, com o analista, o equivalente da relação infantil com o seio, a relação que lhe daria o

discernimento e a completude *do material e do amoroso*. *O fato de o paciente usar um equipamento adequado apenas para o contato com objetos inanimado,s para se ver a si mesmo explica a confusão que sente e sua perplexidade quando percebe, por instantes, que está vivo.*

Bion retrata as reações do paciente em relação à comodidade material, mostrando como se manifestam nas reações aos confortos do *setting* terapêutico entre outros confortos. O paciente necessita cada vez mais de tais consolos em função da divisão forçada entre conforto *material* e *psíquico*, que surge como uma fuga ao medo e à inveja, seja sua própria, seja de outrem. Este afastamento das emoções transforma o paciente e os outros em autômatos. Esforça-se para escapar da experiência de contato com objetos vivos pela destruição da função-alfa, deixa a personalidade incapaz de se relacionar com qualquer aspecto seu que não se assemelhe a um autômato. Utiliza-se somente dos elementos-beta para qualquer atividade que substitua o pensar e eles só servem para serem evacuados, por meio da identificação projetiva. Esta evacuação se dá por movimentos musculares, mímica, entonação de voz, emissão de sons, objetivando diminuir a tensão dentro do aparelho psíquico, correspondendo ao predomínio do princípio de prazer. No caso de uma personalidade anormal, mesmo na fase em que predomina o princípio de realidade, persiste a expulsão de elementos-beta indesejados. Um sorriso ou alguma afirmação verbal são interpretados como um movimento de evacuação e não como uma comunicação de sentimento.

*O cientista cujo objeto de investigação inclui a vida mesma encontra-se na situação do paciente ora descrito... A incapacidade do paciente para pensar leva à predominância de uma vida mental em que seu universo se povoa de objetos inanimados... A capacidade de pensar... que é rudimentar em todos nós, significa que o campo de investigação científico... está limitado aos fenômenos que têm a característica do inanimado...*

*Nós supomos que se deve a limitação do psicótico a uma enfermidade, porém a do homem de ciência não. A investigação desta premissa esclarece, por um lado, a enfermidade e o método científico, por outro. Parece que nosso equipamento rudimentar para pensar pensamentos é adequado, quando os problemas estão associados com o inanimado...*

*Confrontado com as complexidades da mente humana, o analista deve ser prudente, mesmo ao seguir métodos científicos... pois pode estar mais próximo do pensamento do psicótico do que poderia parecer à primeira vista.*

**&III algoritmo – esta observação clínica de pessoas que sentimos mais ou menos vivas fica explicada por forças e suas resultantes com origens pulsionais – é relevante observar que a atuação ‘pulsional’ da ‘mãe’ é muito determinante na composição destas resultantes. Esclarece-se a patologia do vazio e o problema do cientista com sua dificuldade de acesso ao animado, ao vivo.**

Quando o indivíduo tem uma experiência emocional, esteja adormecido ou acordado, e é capaz de convertê-la em elementos-alfa, pode ficar *inconsciente* dessa experiência emocional ou torna-se *consciente* dela. Ao despertar e descrever a experiência emocional, se conseguir separar o que é *sonho*, não tem motivo para *acordar* apavorado. Ao conversar com um amigo estará *transformando* as impressões sensoriais dessa exposição emocional em elementos-alfa, tornando-se, dessa forma, capaz de *pensamentos oníricos*. O *sonho* cria uma barreira para os fenômenos mentais que *poderiam obscurecer a percepção do paciente de estar conversando com um amigo* e, ao mesmo tempo, *impossibilita que a percepção de estar conversando com o amigo obscureça suas fantasias*. Graças ao sonho, pode, então, permanecer *desperto*, mas *adormecido* para os fatos que poderiam perturbar seus sonhos ou sua *experiência fenomenológica* da *vigília*. O sonho constitui

uma barreira contra os fenômenos mentais que poderiam enevoar sua captação da realidade objetiva e subjetiva, mantendo separados as fantasias, os devaneios da experiência de realidade como a que se dá no contato humano com um amigo. No caso do psicótico, a tentativa de discriminar entre o devaneio e a experiência do outro, discriminar uma da outra, empurra-o para o pensamento racional, que se caracteriza por determinada falta de *ressonância*. O que diz de forma clara e inteligível tem apenas uma dimensão, não tem colorido. O psicótico não mostra capacidade para evocar uma sucessão de pensamentos. Isto leva nossa à típica pergunta, perdidos que ficamos na situação: *sim e daí, que fazemos com isso!?*

*O sonho tem muitas funções de censura e resistência. Estas funções não são o resultado do inconsciente, senão que são os instrumentos mediante os quais o sonho cria e diferencia consciência de inconsciência.*

*Nesta teoria (da função-alfa) a capacidade de sonhar preserva a personalidade do que é virtualmente um estado psicótico*

**&IV algoritmo – a teoria da função-alfa é necessária para explicar por que estes diferentes estados da mente – sonhar, acordar, dormir, empatizar, pragmatizar, devanear (*reverie*) e prospectizar –, mantendo algo como uma consciência-de-si que se calcula pela consciência ou não do outro (grupo, social) – empatia, introspecção – operantes –, cria o que chamamos vida mental - e separadas para cada momento do ciclo vital.**

## Capítulos VIII a X

### **Barreira-de-contato – Sobre a insuficiência do modelo consciente – inconsciente. A tela beta e a tela alfa**

Bion inicia estes capítulos descrevendo a *barreira-de-contato* que separa o consciente do inconsciente, que resulta da *aderência*, da *aglutinação* dos elementos-alfa, produzidos pela função-alfa. Está em *contínuo processo de formação* e é a responsável pela *distinção entre o consciente e o inconsciente*. Note-se que, agora, a relevância está na função-alfa, que faz a diferença, e não mais em *consciente e inconsciente*. A função-alfa, no sono e na vigília, transforma as impressões sensoriais relacionadas com a experiência emocional em elementos-alfa, para formar a barreira-de-contato. A natureza da barreira-de-contato dependerá do caráter do suprimento dos elementos-alfa e de sua mútua relação. Eles podem *aglutinar-se, conglomerar-se e ordenar-se lógica ou geometricamente. Podem ter a estrutura de uma narrativa como a que acontece nos sonhos. Podem acompanhar uma escala musical*. O termo *barreira-de-contato* enfatiza o estabelecimento de contato entre o consciente e o inconsciente e a passagem seletiva de elementos de um para o outro. A natureza da transição do consciente para o inconsciente, da barreira-de-contato, dos elementos-alfa, diz respeito ao conteúdo que será selecionado para ser memorizado.

Na prática, a teoria das funções e a teoria da função-alfa mostra como o paciente percebe que experimenta sentimentos, *mas não pode aprender com eles*. Tem sensações tênues, mas também não pode aprender com elas. A determinação de não sentir coexiste com a incapacidade para rejeitar ou ignorar qualquer estímulo. As *interpretações* que derivam dessas teorias, que assinalam a dificuldade em transformar experiências emocionais e, então, aprender, parecem modificar a capacidade do paciente para pensar e compreender, o que coloca a questão da correspondência entre esta *abstração* – a teoria da função-alfa – e sua *realização* – os fatos (experiência emocional) dos quais se extrai a abstração, bem como seu potencial de *generalização* a novas experiências emocionais, de que depende a validação da teoria. Bion exemplifica com alguns de seus pacientes, com sintomas de perturbação de pensamento. Relata que as interpretações transferenciais ortodoxas não faziam o paciente aprender e as associações desconexas continuavam.

Interpretações baseadas no erotismo anal, na identificação projetiva e assim por diante tinham apenas ligeiro efeito. Dessa maneira, percebeu que o analista era o depositário de parte da personalidade do paciente, tal como a *sanidade* ou a parte-não-psicótica dessa personalidade. Investigou, então, o pressuposto que o analista continha a parte não-psicótica do paciente e percebeu que o paciente o considerava *consciente* do que se passava, enquanto *ele não se considerava – estava perdido. A consciência do paciente estava contida nele. Sendo assim, a tradução das impressões sensoriais em elementos-alfa somente se tornou dinâmica quando o analista a relacionou com a função-alfa deficiente, ou seja, o analista presenciava a incapacidade do paciente para sonhar por falta de elementos-alfa, uma incapacidade para estar consciente ou inconsciente.*

*Às vezes eu podia visualizar a situação que se desenvolvia na análise como uma situação em que o paciente era um feto a quem eram comunicadas as emoções da mãe, mas que desconhecia o estímulo e as origens destas emoções. (Neste exemplo é visível a retirada da consciência para explicitar o que quer apontar como realização).*

As inúmeras tentativas de interpretação centradas na identificação projetiva e ataques aos vínculos tinham pouco êxito. Então, ocorreu a Bion a idéia que o paciente estava sonhando os acontecimentos que ocorriam naquele momento no tratamento – mas era um *sonhar (devaneio) defeituoso*, isto é, testemunhava a *incapacidade de sonhar, logo de dormir e logo de ficar acordado*. Isso explicaria, então, por que o analista seria o consciente - incapaz das funções de consciência, de fazer entender a si e ao paciente o que acontecia - e ele (o paciente) um inconsciente, incapaz das funções de inconsciência, pois as sua operatividade não resultava em elementos-alfa.

**&V algoritmo - a teoria das funções e a teoria da função-alfa mostra como o paciente percebe que experimenta sentimentos, mas não pode aprender com eles. Tem sensações tênues, mas também não pode aprender com elas. A determinação de não sentir coexiste com a incapacidade para rejeitar ou ignorar qualquer estímulo.**

(Agora um ponto muito importante e que discute o cerne da teoria psicanalítica: a importância da divisão entre consciente e inconsciente). *Estes dados não correspondem à idéia de uma barreira-de-contato, que deve sua existência à proliferação de elementos-alfa pela função-alfa, e que cumpre a função de uma membrana que, por sua natureza – composição e permeabilidade – divide os fenômenos mentais em dois grupos, dos quais um realiza as funções de consciência e outro as funções de inconsciência.*

Na situação nova, há uma divisão de classes oscilante, suspensa, agora entre analista e paciente que não oferece resistência à passagem dos elementos de uma zona à outra. Esta situação não se presta a ser entendida como uma divisão entre consciente e inconsciente. Tal decorre, na verdade, da existência de duas barreiras, duas telas: a composta de elementos-alfa, já referida, e a composta de elementos-beta que não se aglutinam. A característica da tela beta é a confusão, são estados que lembram sonhos. Para Bion, esta confusão relaciona-se com o medo da posição depressiva e a possível produção de um superego assassino (*supersuperego*). Clinicamente, a tela beta produz algo que guarda semelhança com o material pré-verbal que aparece nos sonhos, em alucinações e na desagregação que tende a nos fazer pensar que o paciente está destruindo seu vínculo, atacando seu ego e seu pensamento - todas interpretações que ou são acusatórias ou colocam o paciente como demandando piedade (*supersuperego* operativo).

*Isso, assinala Bion, nos obriga a sustentar que a tela beta nos força a provocar o tipo de resposta que o paciente deseja ou, alternativamente, uma resposta do analista fortemente carregada de contratransferência.*

*Graças à tela beta, o paciente psicótico tem a capacidade de provocar emoções no analista. Suas associações são os elementos da tela beta, que têm o propósito de provocar interpretações e outras respostas que estão menos relacionadas com a necessidade de receber interpretações do que com a necessidade de comprometê-lo emocionalmente.*

*A provocação inerente à tela beta, se tem êxito, significa que o paciente está faminto de material terapêutico genuíno, ou seja, da verdade, e, portanto, aqueles impulsos que tendem à sobrevivência trabalham de forma sobrecarregada na tentativa de conseguir a cura, contando com material terapêuticamente pobre.*

**&VI algoritmo – A clínica com pacientes psicóticos não valida o sistema consciente – inconsciente e sim um mais complexo, no qual o lugar principal é ocupado pela barreira (tela, porque é furada) alfa e beta, em formação constante por uma função alfa frágil. A identificação projetiva dos elementos-beta revela a fome que o paciente tem de busca da verdade, na função alfa, busca da vida. Na tela beta também persiste material transgeracional, grupal e institucional, aguardando sua transformação em alfa.**

Para Bion, existe certa coerência entre os elementos-beta, mas coerência pré-verbal e não lógica. A oscilação da posição esquizo-paranóide à depressiva produz justamente essa descontinuidade própria da congruência dos elementos-beta e a síntese da posição depressiva, própria da barreira-de-contato alfa, bastante presa à linguagem e à lógica. Esta reversibilidade do que vemos pode ser exemplificada como em uma figura em que mudamos a perspectiva da visão – *reversão da perspectiva*. O analisando, além deste uso da tela beta, mostra modificações no uso da função-alfa, que podem ser descritas como *inversão*<sup>13</sup> da função-alfa, impedindo a sobrecarga de estímulos no aparelho psíquico. A *inversão da função-alfa* leva à dispersão e à re-aglutinação destes elementos, compondo os *objetos bizarros*. Ressalta que, *embora a função-alfa seja uma função e o ego, uma estrutura, esta decomposição afeta o ego e estes objetos bizarros têm a característica de conter partes da personalidade aderidas a eles*. Os elementos-beta diferem dos objetos bizarros no que estes últimos são elementos-beta somados a vestígios de ego e de superego. A inversão da função-alfa altera, então, o ego e o superego. Bion oferece o seguinte exemplo desta reversão da função-alfa: sabemos que uma palavra pode ser o nome de um sistema dedutivo científico, então, imagine-se a palavra *papai*. O sistema dedutivo é um conjunto de hipóteses que afirma que certos elementos estão em *conjunção constante*. A relação – *conjunção* – e os elementos dependem de *pré-concepções* e das *realizações* destas pré-concepções que então foram transformadas em *concepções*. Estas concepções, por sua vez, se convertem em *abstrações, conceitos, modelos* que se aproximam e se redefinem em mais *realizações*. Esta tramitação na mente do indivíduo, construída a partir de sua experiência emocional vivida, é desconjuntada e despojada da palavra *papai*, de modo a ficar apenas a palavra e mais nada.

Bion contrasta seus conceitos com os clássicos: (1) lembra que o ego é uma estrutura que intermedeia o meio externo com o interno; (2) a função-alfa é o nome dado a uma *abstração*, empregada pelo analista para descrever uma função cuja natureza desconhece, até o momento em que sente que pode definir os *fatores* que a compõem que, por sua vez, remetem a novos fatores. A

---

<sup>13</sup> Relaciona-se com os conceitos de *reversão da perspectiva, binocularidade, vértice e caesura*; todos relacionados aos conceitos de *mudança catastrófica* e de *tolerância à frustração*.

função-alfa transforma os dados sensoriais em elementos-alfa que compreendem imagens visuais, modelos auditivos, olfativos e são adequados ao pensamento onírico, ao pensar inconsciente, sonhos, barreira-de-contato e memória. É uma parte do aparelho psíquico que constitui a barreira-de-contato, a tela. Discute o problema da definição de fenômenos relacionados à vida e o uso de palavras insuficientes como *mecanismo*, *função*, *estrutura* e *abstração*. Clinicamente, a barreira-de-contato manifesta-se como algo que se parece aos sonhos e é responsável pela distinção entre consciente e inconsciente e também pela origem destas duas áreas.

*Deste modo o inconsciente fica preservado. Abastece-se de elementos-alfa que lhe são administrados pela função-alfa e que devem ser armazenados, porém que não passam à consciência naqueles momentos em que seu impacto na compreensão da realidade externa seria sentido como inconveniente, como desorganização do pensamento*

**&VII algoritmo – agora temos mais um modelo, instrumento, na clínica psicanalítica. Depois de examinar o ego do paciente, temos de responder como ele se sonhou, como ele foi sonhado, como eram o conteúdo e a forma da função alfa que o subjetivou.**

## Capítulo XI e XII

### A clínica: o aparelho de digestão do amor, continente, conteúdo e contido

O capítulo XII, em especial, fornece informações muito relevantes para a clínica. Aponta que a teoria da função-alfa pode ajudar na compreensão do processo do pensamento e lembra Freud nos *Dois Princípios...* Sobre a necessidade de restringir a descarga motora, esta restrição deu-se *pelo processo de pensamento e produziu o processo de pensamento*, fazendo com que o aparelho mental suportasse uma carga maior de energia, Bion cita Freud (tradução livre):

*É provável que o pensamento fosse originalmente inconsciente, pois era algo mais do que simples ideação e orientou-se para as relações entre as representações de objeto. É provável também que logo tenha sido dotado de outras qualidades perceptíveis à consciência só através de sua conexão com os restos mnêmicos das palavras.*

Ele lembra que está implícito, na afirmação de Freud, o papel que a intolerância à frustração tem na produção e no alívio de tensão no aparelho psíquico e o papel do pensamento como anteparo do pensamento, tanto no controle do aumento da tensão como na própria liberação. O vínculo entre a *intolerância à frustração* e o desenvolvimento do pensamento é fundamental para a compreensão do pensamento e seus transtornos.

*A afirmação de Freud sugere que o princípio de realidade segue-se ao princípio do prazer. É necessária uma modificação para que ambos os princípios coexistam.*

*Tem importância se a intolerância à frustração... é primária ou secundária?<sup>14</sup>*

*Ainda que a deficiência (de elementos materiais – privação - ou psíquicos) pertença a uma etapa muito precoce ou não se saiba sua origem, será sentida*

---

<sup>14</sup> Suponha-se que a intolerância à frustração se dê junto com a fome e que seja impossível satisfazer a fome devido a outros fatores da personalidade como o medo, a voracidade ou a inveja. Nesta situação, todos estes sentimentos incrementam-se e, claro, também a frustração. Este efeito de aumento da frustração poderia ser conseguido apenas a partir da inveja primária excessiva ou da voracidade excessiva. Quantidades excessivas, nestas áreas, produzem mudanças qualitativas na personalidade.

como real, exigindo uma solução real, ou seja, uma que pareça eliminar o sofrimento.

***Para a psicanálise, a eleição oscila entre os procedimentos que tendem a evitar a frustração e os que tendem a modificar a frustração. E esta é uma opção decisiva.***

A atividade que conhecemos como *pensar* foi, em sua origem, um procedimento para descarregar o aparelho psíquico do aumento de tensão pelo mecanismo descrito por Klein como *identificação projetiva*<sup>15</sup>.

*O paciente, embora esteja no começo de sua vida, já tem suficiente contato com a realidade para poder agir de um modo que produza na mãe sentimentos que ele não quer ou que quer que sua mãe tenha.*

Esta idéia – não é difícil percebermos – obriga à operação conjunta do princípio de realidade com o princípio de prazer. É parte do domínio da realidade o reconhecimento de *um objeto capaz de conter sentimentos* ou operar sobre a realidade de modo a cumprir mandos do princípio do prazer.

*...Mais será possível julgar até que ponto um paciente gravemente enfermo e necessitado de internação tem contato com a realidade, ainda que seja um tipo de realidade nem sempre familiar a indivíduos melhor desenvolvidos.*

O uso da fantasia onipotente da identificação projetiva está diretamente relacionado à capacidade de tolerância à frustração: quanto mais intolerância à frustração, mais irreais ficam as fantasias e seu contraste com a realidade externa e interna. Aqui, distingue-se a identificação projetiva excessiva (*intrusiva*) da *comunicacional*, porém ela não existe sem o necessário mecanismo recíproco, a identificação *introjetiva*. Bion, exemplificando magistralmente, mostra que o bebê *necessita* de leite – evita, diz, a *palavra deseja* – e do *amor*. O leite é metabolizado pelo trato digestivo e o amor imaterial pode ser comparado a ele como fonte de bem estar e *satisfação*. *O problema é como metabolizar os estados anímicos como o amor*. Inúmeras áreas do conhecimento humano – religião, filosofia, biologia – tentam descrever ou *o aparelho que os metaboliza* ou *o processo do amor*. Discute o problema da limitação do estudo do amor à clínica psicanalítica e a atribuição de um sentimento – o amor – que pode significar e realizar-se de modo diferente para distintos adultos, como passível de ocorrer ao lactente. Ressalvados estes dados, apelando para a observação clínica, pergunta: já que sabemos que o trato digestivo é responsável pela digestão do leite,

***que aparelho é responsável pela digestão do amor?***

O lactente metaboliza o leite pelo sistema digestivo e a mãe o secreta pelo sistema glandular. A falta de leite tem sido considerada como responsável por perturbações emocionais como também o fracasso na interação emocional com a mãe é considerado causa de transtornos digestivos.

*Pode ser útil considerar a existência de um seio psicossomático<sup>16</sup> ou um conduto alimentar psicossomático infantil que corresponda ao seio.*

---

<sup>15</sup> Significa, ao largo, uma fantasia onipotente que permite dissociar partes indesejáveis ou valorizadas da personalidade e colocá-las em um objeto.

<sup>16</sup> Bion refere-se aos investimentos emocionais destas representações – na mãe, o seio e no bebê, o trato digestivo – de modo indiviso desde o começo.

O seio é um objeto que o lactente necessita para ser provido de leite e de objetos internos bons. Bion não atribui ao lactente a capacidade de captar a necessidade de leite e de objetos bons,

*mas lhe atribui a capacidade de captar a necessidade não satisfeita.*

*Pode-se dizer que o bebê sente-se frustrado, se postulássemos a existência de um aparelho capaz de experimentar a frustração. O conceito de consciência de Freud de um “órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas nos dá este aparelho”.*

*Como analista que trata um paciente adulto, eu posso ser consciente de algo do qual o paciente não é consciente. Do mesmo modo, a mãe pode discernir um estado anímico em um bebê antes que ele possa estar consciente do mesmo.*

Um bebê dá sinais de necessitar de algo antes de se dar conta de que necessita. O exemplo mais comum, para quem é pai, é a criança que fica emotiva e irritada, porque está com sono. **Na situação de ter fome, a necessidade de um seio é um sentimento e este sentimento mesmo é seio mau.**

*O lactente não sente que necessita de um seio bom, mas sim que quer evacuar um seio mau.*

Incorporar o alimento tem, então, o mesmo registro que a evacuação de um seio mau. O sentimento bom e mau é experimentado com o mesmo grau de concretude que tem o leite na boca e a saciedade no estômago. Mais cedo ou mais tarde, o seio desejado – a fome – é vivido como um seio mau ausente e não como a presença de um seio mau presente. É mais provável que o seio mau, isto é, o seio desejado, mas ausente, seja vivido como uma idéia, uma representação acoplada ao sentimento de mau, enquanto o seio bom seja algo que, diz Bion, poder-se-ia chamar de coisa-em-si,

**no sentido de que a existência de um seio bom sempre dependerá (da presentificação) da existência que o leite, em realidade, lhe dará.**

Ambos devem ter propriedades psíquicas diferentes.

*É o pensamento o mesmo que a ausência de alguma coisa? Se não existe alguma coisa, é nenhuma coisa um pensamento e o é graças ao fato de que (então) existe nenhuma coisa que reconhecemos como o que (nenhuma coisa) deve ser um pensamento?*

**&VIII algoritmo – somos subjetivados entre duas realidades com diferentes graus de visibilidade: a interna e a externa. A idéia de um auto-engendramento atribuída aos kleinianos, como vemos, não é verdadeira; o pensamento só se modifica por presenças no mundo externo.**

Bion ensaia a seguinte resposta para esta questão. Suponhamos que o bebê foi alimentado, porém se sente não desejado, não amado. Novamente, esta necessidade de um seio bom, na verdade é um seio mau, que precisa ser evacuado. Existem distintos móveis para estas circunstâncias. A necessidade do seio bom, sentida como a presença de um seio mau, pode estar associada à evacuação do seio mau - enquanto mama e defeca -, que se registra como seio mau, um ato físico acompanhado da mudança de *insatisfação* para *satisfação*, tudo registrado na consciência do bebê.

Estes componentes físicos têm prioridade cronológica e são elementos-beta, precedendo os elementos-alfa, que só se comporão como tal dependendo da *tolerância à frustração* ou serão expulsos como elementos-beta. Como se dá então o aparecimento da consciência, órgão sensorial responsável pela percepção de qualidades psíquicas como o bom e o mau?

*O componente mental amor, segurança, ansiedade, diferentemente do componente somático, requer um processo semelhante à digestão, abarcado pelo conceito de função-alfa. As investigações psicanalíticas podem encontrar um registro disto. Que instrumento uma mãe usa para mostrar que ama um filho, que o deseja? Como faz isso? Além dos canais físicos de comunicação, tenho a impressão que o amor se expressa através do devaneio (reverie).*

Podemos considerar a *reverie* como a fonte psicológica que satisfaz as necessidades de amor do bebê. A função-alfa dá conta de elementos que, de outro modo, só seriam evacuados como elementos-beta. Que fatores desta função relacionam-se diretamente com a capacidade de devaneio da mãe? Bion considera que esta capacidade é mesmo inseparável do conteúdo do devaneio e aí está ligada à origem vincular, social da consciência.

*Se a mãe que alimenta não tem capacidade de devaneio ou se o devaneio se dá, mas não está associado ao amor para com o bebê ou para com seu pai, este fato será comunicado ao bebê, ainda que lhe resulte incompreensível. Esta qualidade psíquica vai se propagar aos vínculos do bebê.*

*O que acontecerá depende da natureza destas qualidades psíquicas da mãe e de seu impacto sobre as qualidades psíquicas do bebê, porque o impacto de um sobre o outro é uma experiência emocional, susceptível, desde o desenvolvimento da dupla e dos indivíduos que a compõem, de serem transformados pela função-alfa.*

*O termo devaneio pode aplicar-se a todo o conteúdo. Eu desejaria reservá-lo somente para um conteúdo pleno de amor ou ódio. ... O devaneio é aquele estado anímico que está aberto à recepção de qualquer objeto do objeto amado e é portanto capaz de receber as identificações projetivas do bebê quer sejam sentidas por ele como boas ou más.*

A identificação projetiva é uma forma precoce (e não *primitiva*) de pensamento. Um lactente dotado de marcada tolerância à frustração poderá sobreviver à penosa prova de ter uma mãe incapaz de devaneio e incapaz de dar-lhe a satisfação de suas necessidades *mentais*. Um lactente marcadamente incapaz de tolerar a frustração não pode sobreviver sem crises, mesmo com uma mãe plenamente capaz de devaneio. O bebê capaz de tolerar a frustração pode se permitir o sentido da realidade, do novo. Se a intolerância ultrapassa certos limites, começa a operar os mecanismos de cisão, onipotência e identificação projetiva intrusiva, sempre cotejados com a capacidade de *reverie* da mãe. O lactente tem (*contém*) a necessidade do seio que é sentida por ele como *contendo* um seio mau que será transformado em seio bom - um seio que *contém* o bebê, banha-o com a experiência de satisfação – na dependência da capacidade de devaneio da mãe e da capacidade de tolerância à frustração do bebê. Estes conceitos de continente e conteúdo são considerados por Bion como insuficientes, como parte de um pensamento científico imaturo, porém como um mal necessário. Os conceitos de seio bom e seio mau também não remetem com clareza às suas realizações. Como definir o que um lactente pensa ser um *sentimento*? Bion parece incomodado pois assinala que:

*estes problemas estão em Kant e podemos supor que só Kant teve este tipo de problema e que os que não são Kant podem: a) não ter este tipo de problema ou b) ter estes problemas como Kant.*

**&IX algoritmo – a base biológica para a tolerância à frustração versus a capacidade de reverie (função-alfa) da mãe dará a amplitude do que podemos conter e de como seremos contidos pelo mundo e de quanto acessaremos a coisa-em-si. Lembremos que Kohut diz que seus pacientes – narcisistas – terminam o tratamento quando se sentem capazes de suportar mais a frustração, exatamente quando deveriam começá-lo...**

### **Reflexões: a função-alfa, a notação científica e a técnica psicanalítica**

No capítulo **XIII**, Bion indica as vantagens do uso do conceito de função em psicanálise, em especial o de função-alfa. Deve-se definir quais as variáveis e quais as constantes e que fatores podem ser substituídos ou o foram – no caso da evolução ou involução do analisando. Exemplifica, como fatores comuns na prática clínica, a identificação projetiva excessiva e o excesso de objetos maus. Indica que, assim como se faz na álgebra, poderíamos substituir estes fatores por símbolos que, na verdade, estariam referidos a teorias descritas em livros – os quais poderiam ter até a página indicada, porém dariam conta de fatos, assim como um número que, por mais simbólico que seja, está preso a fatos. Por isso usamos a matemática para explicar o mundo, conforme o princípio de Spinoza-Descartes-Galilei, desde que, na verdade, não nos percamos em manipulações de dados vazios.

*Sempre que o analista conserva a noção de background fático, a que estas formulações referem-se, há vantagem para o exercício de rigor e precisão do pensamento exigido pela tentativa de concentrar a experiência clínica real em uma notação abstrata.*

*A fórmula ofereceria um resumo taquigráfico das sessões de um dado período. Seria possível ver quais vínculos existem entre um resumo e outro.*

O analista poderia ver que teorias esta usando e contrastar-se por que não usa outras e observar que dadas teorias não dão conta de sua clínica e por quê.

*Como método para esclarecer os fatos psicanalíticos para si mesmo, o analista necessita seu próprio livro de teorias psicanalíticas, que ele pessoalmente usa com frequência, junto com o número de páginas e parágrafos que asseguram a identificação (confirmem que estas teorias se realizam nos fatos que observam).*

Aqui Bion repete a máxima de Darwin:

*A capacidade de **recordar** o que o paciente disse deve unir-se à capacidade de **esquecer**, de modo que qualquer sessão seja uma **nova** sessão e, portanto, uma situação desconhecida que deve investigar-se psicanaliticamente, evitando o obscurecimento por um lastro freqüentemente grande de preconceitos e conceitos errôneos. Sem dúvida, o analista necessita todo o conhecimento que ele possa reunir, tanto do paciente como das descobertas e do trabalho de seus predecessores na área.*

*Isto reforça a necessidade de uma estrutura firme, um marco de referência teórico da psicanálise, que também seja capaz de flexibilidade em sua ação (realização).*

Realça a importância de referenciar-se ao que os autores de fato dizem para definir os termos em uso, indicando as referências. Uma vez feito isto, as variáveis da função tornam-se constantes. Atualmente, o mais próximo que se pode fazer disso – pois é discutível a existência do objeto psicanalítico – são estas referências. Tais medidas, além de identificar a deterioração do

funcionamento analítico, poderiam identificar a insuficiência de algumas teorias. Seu valor também seria importante para a memória do analista e testemunharia o trabalho analítico, porém, ainda assim, persistiria o problema do valor destas notações.

*O sistema de notação deve possibilitar ao psicanalista um registro que ele mesmo possa entender, depois de um período de tempo, e que possa ser comunicado a outros, sem perda de sentido.*

*Para o desenvolvimento da psicanálise, deve-se encontrar um sistema de notação que registre o trabalho psicanalítico do mesmo modo que a notação matemática registra os fatos e também os meios para calcular.*

*A notação psicanalítica ideal deve dar meios para trabalhar sobre o problema que o próprio sistema de notação acrescentou ao ser registrado (deve ser auto-regulatório).*

**&X logaritmo – A isenção na observação e o exame periódico dos dados, contrastando sempre os sistemas teóricos que estão sendo utilizados para a busca de regularidades estruturais e a contaminação na colheita do material analítico deve ser tarefa sistemática do analista.**

### **Sobre os fatores da função-alfa: Os vínculos L, H e K e o sistema de notação**

A função-alfa, ao transformar uma experiência emocional em elementos-alfa, opera como embaixadora da realidade – e, então, dá o sentido – e é tão importante para a vida como a atividade fisiológica. *O fracasso, na função-alfa, conduz a um desastre semelhante ao fracasso em funções do corpo, com comprometimento da personalidade, degradação psicótica que pode descrever-se como a morte da personalidade.* Esta analogia – com os problemas todos que sabemos ter o uso de analogias - entre a fisiologia e o desenvolvimento da personalidade para expressar um fato psicanalítico pode ser contornada com um sistema adequado de notação, como já referido. Bion ensaia agora este sistema de notação. Começa com a definição de emoções básicas – **amor** e **ódio**. **Inveja, gratidão, culpa e ansiedade** ocupam um lugar dominante na teoria psicanalítica e, junto com **sexo**, deveriam ser emoções eleitas para ficar junto com o amor e o ódio. Mas Bion opta por três fatores, como *sempre inerentes ao vínculo possível entre objetos*, que possam relacionar-se entre si, pois *uma experiência emocional não pode estar isolada de uma relação*.

*As relações básicas que postulo são: 1) X ama Y; 2) X odeia Y e 3) X conhece Y. Estes vínculos expressam-se por meio dos sinais A, O e C (L, H e K). A que realização estes vínculos abstratos correspondem?*

Exemplifica com um paciente *amistoso* (P) que, em suas associações, menciona que *conhece* certo *terapeuta* (T) que é *estúpido* e *não sabe nada* de psicanálise, o paciente *amistoso* o *conhece bem* e *não gosta* dele. Um *amigo* (A) foi mal-atendido por ele e teve seu casamento prejudicado. Existem vários vínculos no relato, como se vê. Podem ser registrados como: P K T? P H T? P L A? Existe algo expresso de modo não verbal – entonação, gestualidade – que marcaria a existência de outros vínculos? É claro que qualquer de nós, diante disso, ficaria pensando que o paciente, para proteger seu vínculo L conosco, teria deslocado o problema H para o relato da associação, o que implica em um bom domínio de K a propósito do relacionamento com o analista, mas pode ser que sejam outras as hipóteses e respostas. Só o testemunho direto das sessões – *a natureza da transferência* – indicará as perguntas a serem feitas, bem como suas respostas. Dada a complexidade da situação analítica, pode parecer que não há mérito algum no registro deste evento

notável por apenas estes sinais **K**, **L**, **H** – e pode ocorrer a idéia se no fundo não existiria apenas um vínculo complexo com infinitas variações?

A resposta é que estes *sinais* devem relacionar-se com os fatos que lhes correspondem, que são suas realizações – vínculos observados – de modo que tenham sentido e, ao mesmo tempo, devem ser suficientemente abstratos – como um número – de modo a sustentar que são geralmente associados a situações emocionais reais. Deve-se apreciar a complexidade da experiência emocional, diz Bion, mas também *restringir a notação a estes três vínculos, apontando quais os objetos vinculados e quais símbolos representam a relação entre eles*. Trata-se de um instrumento de trabalho imperfeito e insatisfatório, mas um ponto de partida para as reflexões do analista e um sistema primitivo de *notação*, de *registro* do que acontece na sessão. Pode ter vários usos como, simples e inadequadamente, levar o analista a decodificar, definir e buscar ativamente, nas sessões, sua solução, sua chave e sua equação. Isto, porém, não é o mesmo que ser usado para simbolizar a experiência emocional das sessões, o que só é possível se estivermos focados na transferência e sua experiência emocional, como no exemplo apresentado.

Ao escolher entre **L**, **H** e **K**, o analista deverá expressar sua crença, *sua convicção como uma revelação verdadeira de seus sentimentos – sua mente agora opera como um instrumento*. Esta crença vai atuar agora como um padrão ao qual ele pode referenciar todas as suas assertivas. Se elege **L**, então **L** expressa uma qualidade que contrasta as demais, presentes nos demais vínculos e que também expressa uma quantidade (+**L** e –**L**) a qual dimensionará as demais quantidades. Isto é, a dimensão destas quantidades será, na mente do analista, equivalente em todos os vínculos. Se **L** expressa para o analista muito amor, **K**, então, não pode expressar apenas um conhecimento fortuito, no tocante às quantidades consideradas. Ainda, a eleição de **L**, **H** ou **K** sempre será contrastada umas com outras e, também, com as demais emoções não escolhidas para o caso; em psicanálise, o valor de um enunciado depende sempre do valor de muitos outros. De qualquer modo, deve ficar claro que o analista está balizando os valores de todos os elementos de um enunciado nos valores básicos citados, é necessário deixar as qualidades bem diferenciadas e emparelhar as quantidades utilizadas.

Na verdade, o analista pode ter seu próprio sistema de referências vinculares, porém, na prática, a comunicação fica mais fácil se eleger elementos que ganham seu valor por sua posição, considerando inúmeros outros elementos. Elementos que já têm este senso de completude, importância, como os vínculos **L**, **H** e **K** são, precisamente, os mais abrangentes da necessária apreensão total. Quando ele elege um destes sinais para representar um evento, deve sentir que é o correto e devemos esperar, claro, que se mantenha como uma constante. Se, referindo-se ao sinal eleito, os demais parecem tornar o enunciado incompatível, sem coerência interna, deve-se buscar a harmonização dos outros, mas mantendo na mente o que o analista supôs ser **L**, **H** e **K** para o caso. Se persistir a incoerência, o analista deve abandonar o modelo e começar de novo, desde seus registros sobre o a relação entre o sinal (**L**, **H** e **K**) e o que ele *realiza*.

*L, H e K devem ser estabelecidos de tal forma que o analista sinta que estabeleceu um ponto de referência. Fazendo isto, minora-se o perigo de produzir um sistema de abstrações com fundamento falso e só apto a manipulações engenhosas e arbitrárias.*

**&XI algoritmo – um sistema de notação pode começar com a descrição dos três sistemas de vínculos propostos por Bion a partir da convicção, clareza e contraste de idéias do analista.**

### **O vínculo K: Abstração, realização e representação de experiências emocionais**

No capítulo **XVI**, Bion indica que não examinará os vínculos de **L** e **H** e se fixará em **K**, pela importância que tem para o analista e por que se refere ao *aprender com a experiência*

*emocional*. Sustenta que **L** e **H** podem estar relacionados com **K**, mas que nenhum deles, por si só, conduz até **K**. Trata-se de um vínculo ativo em que, *quem K alguém faz* alguma coisa com esse alguém como no vínculo psicanalítico. No enunciado acima, **X K Y**, diz que **K** está ocupado em *conhecer a verdade* sobre **Y**. A temática está agrupada no que consideramos *exercício científico* o qual, tipicamente, tem tido mais êxito quando **Y** é inanimado e, também, se **X** pode ser convertido em algo próximo do inanimado – como quando usamos aparelhos para medir coisas. Não são o mesmo um registro gráfico e a opinião humana. Não sentimos as duas informações como portadoras da mesma força de convicção. Bion, agora, emite reflexão de rara relevância:

*As dúvidas acerca da capacidade humana para conhecer algo são a base das investigações dos filósofos da ciência. Hoje em dia estas dúvidas aparecem ao nos darmos conta, inevitavelmente, que a situação representada por estes termos abstratos X K Y é idêntica a X L Y e X H Y, em que um elemento animado existe intrinsecamente. Quer dizer que, na proporção em que se introduz aparelhos inanimados para deslocar o elemento vivo, L, H e K deixam de existir.*

Este problema é ainda mais iluminado pela psicanálise, quando **X** se ocupa – como se dá na prática psicanalítica – de investigar em **Y** a capacidade de **Y** fazer contato com a realidade (realidade de **X** ou realidade de **Y**) e Bion remete às conhecidas aporias de Hume e Kant.

*Quero acentuar que tudo o que se disse sobre o problema do conhecimento se pode aplicar, com a mesma força, à psicanálise e que a psicanálise se pode aplicar, com a mesma força, a estes problemas.*

*A pergunta como pode X conhecer algo expressa um sentimento que parece ser doloroso e inerente à experiência emocional que represento por X K Y. Uma experiência emocional que se sente dolorosa pode iniciar uma tentativa de **fuga** ou de **modificação** da dor, de acordo com a capacidade da personalidade de tolerar a frustração.*

Trata-se de realizar a **modificação** por meio do uso da relação **X K Y** para que leve a uma relação em que **X** possua um conhecimento chamado **Y** - os significados de **X K Y**, enquanto na **fuga** substitui-se o sentido **X** possui um conhecimento chamado **Y** para que **X K Y** não represente mais a experiência emocional dolorosa, senão a que se supõe não dolorosa. A idéia é negar a realidade, representando mal a experiência emocional.

*A diferença entre a finalidade da mentira e a finalidade da verdade pode, deste modo, expressar-se como uma mudança de sentido em X K Y e está relacionada à intolerância à dor associada ao sentimento de frustração. O problema de traduzir um conhecimento privado em público envolve a mesma questão: representar adequada ou inadequadamente uma realidade – experiência emocional.*

Os pacientes aduiteram as experiências emocionais mesmo para si, mas tal acaba malogrando, talvez pelo motivo indicado por Freud: “a alucinação foi abandonada só devido à ausência da gratificação esperada”. O problema parece ter duas vertentes operando juntas – princípio de prazer e realidade – uma interessada em conhecer uma pessoa ou coisa, **K** na realidade, e outra interessada em fugir de **K** e da experiência emocional que a representa.

*O conhecimento que proponho como parte de K, a fim de conhecer (o vínculo) “X K Y” e o que representa, implica, portanto, identificação com uma pessoa que vem para ser analisada. Também implica, envolve a abstração da realização para produzir uma formulação que represente a realização (de “X K Y”) e que, portanto, poderia corresponder a realizações que, no momento, são desconhecidas.*

*Ao me ocupar de **K** devo estar consciente de minha experiência emocional e ser capaz de **abstrair** dela um enunciado que represente esta experiência de forma adequada.*

**&XII algoritmo – a experiência humana de conhecer envolve os mesmos problemas que as experiências de amar ou odiar. Envolve um sentimento doloroso – inerente às experiências emocionais – que coloca a questão de fugir disso ou modificar isso. Do que o sujeito cognoscente, paciente, cientista ou analista conseguir fazer com essa dor, dependerá o grau de fidelidade do modelo, abstração, que construirá em sua mente para dar conta da realização, realidade.**

Esta **abstração** inspira confiança se logo **representa** também outras **realizações**<sup>17</sup> desconhecidas quando a abstração foi *realizada*<sup>18</sup>. Bion assinala que essa sensação de *confiança* que se tem em uma idéia é a mesma que temos quando uma *crença* é substituída pelo senso comum. Esta confiança<sup>19</sup> é concomitante ao saber que existe *correlação* entre os *sentidos*, ou que mais de uma pessoa ou grupos concordam que um dado enunciado corresponde a uma dada experiência emocional – essa é **sociabilização** do conhecimento. Dois pontos geram confiança na abstração:

*1) a crença que a abstração se apóia no senso<sup>20</sup> comum e 2) que não só representa a experiência emocional que foi abstraída, senão outras realizações desconhecidas que aguardam o porvir. A própria formalização abstrata em **L**, **H** e **K**, usados para a avaliação de uma experiência emocional, só tem valor se eles representam experiências emocionais distintas.*

A *abstração* pode ser considerada adequada se pode gerar ou ser evocada em várias outras *realizações* que não aquela que a gerou. No caso da *concretização*, ainda ligada aos sentidos, que favorece a publicação, a comunicação, acessível ao senso comum, dá-se para todo objeto que, além de visto, pode ser palpado (dois sentidos) e é de mais fácil conhecimento público do que o que é acessível a apenas um sentido<sup>21</sup>.

*O critério a ter em conta para um enunciado deve ser o de seu valor para facilitar a prova por mais de um sentido ou pelos sentidos de mais de uma pessoa.*

Em ciência os estudos precisam ser replicados, cada coisa deve ser vista por mais de um observador. A fraqueza, em especial na psicanálise, própria da incapacidade de usar mais de um sentido em uma observação – estamos às voltas com coisas vivas e abstratas –, é compensada pela capacidade de abstrair um enunciado intuitivamente com grande potencial de previsibilidade. Bion enumera seis razões para se formular uma **abstração**:

*1) o analista sente-se impelido a formular suas hipóteses básicas; 2) o analista pode detectar, a partir do registro que tal abstração permite, qualquer tendência a falsear as teorias com que está operando, isto é, a abstração transforma o arsenal teórico do analista; 3) a abstração evita que o analista perca de vista, perca como pano de*

<sup>17</sup> Isso é próprio do exercício científico: a generalização de uma regra, a partir de fatos, só é importante por que pode prever novos acontecimentos até então não pensados, senão não teria importância. Então, abstrações limitadas apenas aos fatos observados e que não geram previsões de novas realizações não são adequadas.

<sup>18</sup> Operada no mundo, quando exerce efeito no mundo, como um livro que nos leva a pensar diferente o mundo. A *abstração* seria o livre e pensar diferente, a nova *realização*.

<sup>19</sup> Fé?

<sup>20</sup> Este é o motivo por que os ‘delírios’ religiosos são tão difíceis para as nossas classificações: São parte do senso-comum e a psicose implica necessariamente a violação de regras consensuais – aquilo que se sente junto.

<sup>21</sup> Não é do senso comum a associação do perfume da flor de sabugueiro com o do Cabernet Sauvignon.

*fundo de contraste, de onde provém seu equipamento teórico na história de sua disciplina científica; 4) os analistas estão mais dispostos a ver que certas teorias consideradas estabelecidas são redundantes ou desacreditadas pela prova da experiência mesma; 5) é possível a correlação dos enunciados abstratos com realizações das quais não foram derivados; 6) um enunciado abstrato, finalmente, auxilia na busca por um padrão ao qual se possa referir todo um conjunto de enunciados.*

Bion indica que o processo de abstração ao qual recorreu conscientemente é essencial à experiência emocional **X K Y** e não é um procedimento acessório ou que se possa dispensar a gosto. Indica que priorizou, para montar as abstrações, o **vínculo** e resolveu limitar sua representação a três sinais **L**, **H** e **K**, com os quais considera possível enfocar este problema, considerando como se poderia deturpar, errar estas representações.

*Deve-se tomar medidas positivas para que o indivíduo alcance o estado mental, que se vê em alguns psicóticos, no qual a capacidade para abstração foi destruída. O valor, por exemplo, da palavra cachorro, quando não se refere a um animal específico, mas a uma classe, como um método para alcançar uma abstração e generalização, fica anulado, de modo que a palavra não pode mais ser usada como o nome de uma coisa, senão como a coisa-em-si mesma; as palavras são coisas.*

Neste caso, como representar, como introduzir, em um sistema estruturado para representar um vínculo **K**, elementos que possam representar esta distorção da representação – no caso a impossibilidade ou deformidade da abstração? Bion responde que se pode fazer como faz a geometria algébrica, mudando o sinal, o sentido. **K** representa o vínculo enunciado e **-K** representa o vínculo *constituído por não compreender*, quer dizer, pela *compreensão distorcida*. Ele assinala para que notemos que **-L** não é o mesmo que **H** e **-H** não é o mesmo que **L** e que esse procedimento que adotou, de representação com sinais, é prematuro porque distancia o sistema formalizado de seu fundamento. Utilizando-se a referência de página e linha de alguma teoria de algum autor, não se perderia de vista o *fundamento da realização de que se originam as teorias*. Por outro lado, a formalização e a abstração removem o concreto e o particular, assim como não obscurecem a importância da relação de um elemento com outro. A referência por página e linha é uma forma concreta que obscurece o fato de o valor de uma afirmação depender de seu contexto. Ele conclui que o essencial é encontrar a série de sinais que representem adequadamente a realização e possibilitem a verificação do contexto, pois o sentido de cada sinal, como todos sabemos e que é próprio de todas as nossas ações, é variável e só se gera na interação com o contexto no qual se dá ou, mesmo, *não se dá*.

A *abstração* se contrasta com a *concretização*, em que uma palavra – uma *abstração* – deixa de sê-lo e aproxima-se da coisa-em-si ou, dito de outro modo, aproxima-se dos sentidos que captam a coisa-em-si, enquanto *a abstração está próxima do intelecto, de juízos, de reflexões, auto e hetero-reflexões*. Para demonstrarmos uma realização, é necessária a abstração e sua formalização. As palavras, além de já nos perturbarem, por se acompanharem de uma penumbra de associações, adicionalmente, estão problematizadas, porque estas associações são adquiridas em contato com os sentidos, estes, por sua vez, em contato com os objetos concretos. Obviamente, o contato com objetos concretos, evocados ou não pelas palavras, é mais simples do que uma relação mental com uma *personalidade*, seja a do indivíduo mesmo, seja a de outro.

*Os sentidos apresentam à personalidade o material sobre o qual deve trabalhar para produzir o que Freud chama de percepção consciente ligada a eles, ou seja, aos dados sensoriais. Porém, é difícil acreditar que a sensorialidade... pode trazer material valioso quando o objeto dos sentidos é uma experiência emocional de uma personalidade.*

*Não existem dados sensoriais diretamente relacionados à qualidade psíquica, enquanto existem dados sensoriais diretamente relacionados a objetos concretos.<sup>22</sup>*

**&XIII algoritmo – devemos estar cientes que formulamos hipótese básicas que são abstrações e podemos detectar qualquer tendência a falsear as teorias com que está operando, isto é, a abstração transforma o arsenal teórico em uso. Elas devem ser sociabilizáveis, compartilháveis com outros e estarão em correlação com enunciados abstratos de realizações das quais não foram derivadas, auxiliando a busca de padrão que poderá fundamentar uma teoria. É difícil, porém, acreditar que a sensorialidade... pode trazer material valioso, quando o objeto dos sentidos é uma experiência emocional de uma personalidade.**

Os sintomas hipocondríacos, por tanto, podem ser sinais da tentativa de estabelecer contato com uma qualidade psíquica, em que a *sensação física* substitui a *qualidade psíquica* – consciência – ausente. Por isso, diz Bion, Freud se dispôs a postular a *consciência* como o órgão sensorial da *qualidade psíquica*.

Aqui, face ao contraste com as teorias clássicas, vamos citar longamente Bion:

*A teoria da consciência (...) não é satisfatória para explicar as personalidades incapazes de sonhar verdadeiro... nem as partes psicóticas da personalidade... isto se resolve por uma teoria diferente. A fraqueza da teoria da consciência manifesta-se na situação para a qual propus a teoria e que a função-alfa, ao produzir elementos-alfa, origina a barreira-de-contato, a entidade que separa os elementos de maneira tal que, de um lado uns formam o consciente e, de outro, outros são e formam o inconsciente. A teoria da consciência é fraca e não falsa, porque melhorada afirma que consciente e inconsciente, assim constantemente formados juntos, funcionam, por assim dizer, como binoculares, capazes, portanto, de correlação e de autopercepção. Por causa da natureza de sua gênese, fica excluída a possibilidade de um registro imparcial da qualidade psíquica do self: a visão é, por assim dizer, mono-ocular. Por estas e outras razões da experiência clínica (...) sustento que a teoria dos processos primário e secundário é insatisfatória. Esta teoria é débil no que se refere à necessidade de postular dois sistemas, no ponto em que, em minha teoria da função-alfa, a experiência emocional transforma-se em elementos-alfa para tornar possível o pensamento onírico, o pensar em vigília inconsciente e o armazenamento na memória. Atribuo à falha na função-alfa, o aparecimento dos elementos beta, dos objetos bizarros que intimamente se lhes associam e dos distúrbios graves, caracterizados pela irrupção de excessivos elementos psicóticos da personalidade. Em nota, Bion nos diz que é importante distinguir a natureza das duas teorias. Introduz-se a teoria da função-alfa para possibilitar o trabalho do analista sem propor, prematuramente, uma nova teoria. A teoria de Freud da consciência como órgão sensorial da qualidade psíquica é parte da teoria psicanalítica reconhecida.*

Agora, Bion mostra a tarefa da psicanálise:

*A atribuição de valor ao termo função-alfa é tarefa da psicanálise e não se consegue isso de nenhuma outra maneira.*

Trata-se de uma variável desconhecida que se usa para satisfazer a necessidade do sistema de *abstração*, que é adequado às demandas da psicanálise, *problemas* estes sempre *objetos* de

---

<sup>22</sup> Inclusive o sistema de memória não opera para a consciência de abstrações; não conseguimos nos lembrar do que estivemos imediatamente conscientes se estes dados não são vinculados aos sentidos; excetos os ligados à experiência emocionais – um sentido de algo interno.

*investigação* e também instrumentos mediante os quais a *investigação* acontece. Distingue-se a função-alfa como *conceito de realização* da função-alfa, que se aproxima bastante da *teoria* na qual se emprega este conceito. Supõe-se que a origem de toda *abstração* seja fator da função-alfa e tal se sustenta ao observarmos a concretude do psicótico, às voltas com objetos bizarros e elementos-beta. Deve-se ainda confrontar todo este sistema com a experiência emocional, fundamental para o valor da função-alfa. Bion esclarece em nota:

*O processo que o analista põe em atividade destina-se, nos casos em que estuda as perturbações do pensamento, a investigar a mesma condição no paciente. Os psicanalistas chamam fantasias, em alguns casos pelo menos, os remanescentes atuais do que outrora foram modelos que o paciente formou para unir suas experiências emocionais. A este respeito, o mito de Édipo é a sobrevivência do modelo que se destinava a unir a experiência emocional da criança. Se o caso apresenta um distúrbio do pensamento, se descobrirá que o modelo nunca se formou adequadamente... a situação edipiana se mostrará imperfeitamente desenvolvida ou inexistente. A análise de tal paciente revelará, se estiver progredindo, as tentativas de formular este modelo.*

**&XIV algoritmo – A função alfa gera o que chamamos de consciência na sua amplitude e especificidade, dando qualidade ao psíquico. A atribuição de valor ao termo função-alfa é tarefa da psicanálise e não se consegue isso de nenhuma outra maneira. É um objeto e um instrumento que o analista põe em atividade, construindo modelos a partir do contato com a realização – a personalidade do paciente.**

Como atribuir valor à função-alfa? Primeiro necessitamos saber *o que é o equivalente a uma impressão sensorial* no que se refere ao modo como a pessoa percebe, *sente*, uma experiência emocional. **O que é que se ocupa do equivalente de uma impressão sensorial, no caso da percepção de uma experiência emocional?** Como estes equivalentes sensoriais de uma experiência emocional transformam-se em elementos-alfa? Seria útil postular impressões de uma experiência emocional análogas às impressões sensoriais de objetos concretos. **Se for o caso, em que é que os elementos-alfa, transformados pela função-alfa, a partir dos elementos-beta oriundos da sensorialidade, diferem dos elementos-alfa derivados da experiência emocional?**

Freud sugeriu que o *modelo* para os processos primário e secundário seria o arco reflexo. **Que modelo fazer para a função-alfa e como testá-la?** A função-alfa representa algo que existe quando certos fatores operam em consonância, produzindo elementos-alfa. Existe a necessidade de percepção da experiência emocional similar à percepção dos objetos concretos, a ausência de tal percepção *implica a privação da verdade e a verdade parece ser algo essencial para a saúde mental*. O efeito desta privação para a personalidade é análogo ao efeito que a inanição pode ter para o físico. O psicanalista deve confiar que a experiência da análise revele os elementos que considere *fatores* da função-alfa, talvez análogos a objetos concretos percebidos pelos sentidos, um pouco como os *‘objetos matemáticos’*. Bion diz que, recorrendo à abstração e seus produtos, à função-alfa e seus fatores, foi possível estudar incógnitas psicanalíticas e continua *concretizando* – usando termos próximos aos dados sensíveis - para especular em que parte o aparelho psíquico precoce deflete-se para criar o aparelho para pensar. Freud diz que o aparelho desenvolveu-se da imaginação – *ideação*. Bion sugere que o *pensar* é algo que se impõe pelas exigências da realidade a um aparelho que não é adequado a este propósito e que é contemporâneo ao predomínio do princípio de realidade.

*Uma analogia moderna nos é brindada pelo fato que as exigências da realidade não só nos impuseram o descobrimento da psicanálise, senão que também levaram à deflexão do pensamento verbal de sua função original, de restringir a descarga*

*motora, até a tarefas do conhecimento de si mesmo, para o que é inadequado e para cujo propósito deve sofrer mudanças drástica.*

Bion afirma que ignora a natureza da função-alfa e a deixa como uma abstração para uso como incógnita, *cujo valor só é encontrado no curso da análise*. Pressupõe a existência de um aparelho que sofre e ainda tem de sofrer a adaptação a novas exigências da realidade, pelo desenvolvimento da capacidade para pensar.

**&XV algoritmo – devemos estar atentos para como a função-alfa dá conta das emoções, pulsões, assim como dá conta dos sentidos, da realidade, exatamente como se estivéssemos entre duas escuridões. Assim, a coisa em si mesma, a idéia da coisa e as emoções não se distinguem quando trabalhadas pela função-alfa na busca da verdade.**

*O aparelho que tinha que sofrer essa adaptação era aquele que, originalmente, lidava com as impressões sensoriais concernentes ao tubo digestivo.*

Bion explica que o que se passa é o seguinte: a criança sente *o seio que não está lá* como o *seio mau*, que lhe desperta sentimentos penosos. Ela evacua este objeto - *seio mau* - pelo sistema respiratório, pelos berros ou pela deglutição do *seio bom*. Este seio evacuado *não se distingue do pensamento*, mas o pensamento depende da presentificação do objeto que coloca na boca. Em algumas condições, que dependem de fatores da personalidade, o processo de mamar e as sensações que o acompanham equivalem à evacuação do *seio mau*, então, *o seio, a coisa-em-si mesma, não se distingue da idéia na mente*. A idéia de um seio na mente não se distingue, reciprocamente, da coisa mesma na boca.

*Circunscrevendo-nos só a duas situações, uma (1) das quais é o seio real que não se distingue de uma experiência emocional que, por sua vez, é coisa-em-si-mesma e pensamento, porém em um estado indiferenciado. A outra (2) é a má necessidade-de-um-seio, necessidade que é o próprio seio mau, que é também um objeto composto de experiência emocional e coisa-em-si-mesma, sendo os dois todavia indiferenciados. Fica claro que chegamos a um objeto que se parece muito com um elemento beta. A realização e sua representação na mente não foram diferenciadas.*

Portanto, o lactente que *contém* a necessidade de um seio – seio mau – pode evacuá-lo ao mamar, desde que, de fato, mame, que exista algo que seja um seio real. Pode evacuar ao sentir o cheiro do leite, ao ver o seio ou a mamadeira, para isto precisa estar vendo o seio concreto, pois o seio está em uma posição em que ser visto equivale a estar nos olhos da mente e é o mesmo que estar na boca. Se todos estes fatos são evacuações da *necessidade-de-um-seio*, seio-mau, resulta claro que se não se dispõe de um seio, o *não-seio* será vivido não só como *mau-em-si-mesmo*, mas como *pior*, porque é um testemunho concreto de que o *seio-mau* foi evacuado com êxito, só que nesta situação, o termo correto seria chamar a este seio de *objeto bizarro*, ao invés de elemento beta.

**&XVI algoritmo – a evacuação de uma emoção desagradável – seio mau – só se dá por uma presentificação, que, preenchendo a necessidade, expulsa o ruim.**

O capítulo XX é preñado de exemplos que nos ajudam com os conceitos de *modelo*, *realização*, *abstração* e outros. Quando a expulsão de um seio-mau é sentida como de fato conduzindo a sua presença<sup>23</sup> externa, se a evacuação se dá pelo efetivo mamar de um seio real, a

---

<sup>23</sup> Os melhores exemplos disso nos oferece a clínica vincular: O marido chega irritado em casa no final da jornada de trabalho e arranja uma tremenda confusão e logo todos estão irritados em casa – a irritação não é mais sua agora – mas logo a culpa o será...

expulsão não é dolorosa como a que se dá pela respiração e por outros métodos, estimulando a relação entre os princípios de prazer e de realidade. Pode-se acompanhar:

*1) o processo que diferencia a representação de sua realização correspondente, o processo pelo qual a coisa-em-si se distingue da idéia, gerando a abstração como um aspecto da transformação da experiência emocional pela função-alfa; 2) os efeitos da correspondência entre a alimentação e o pensar.*

Bion assinala que a teoria kleiniana - a criança sente que evacuou o objeto mau dentro do seio - combina com a teoria que *a satisfação de uma necessidade se sente como a expulsão de uma necessidade; necessidade esta funcionando com um seio-mau. Seio-mau é um termo concreto e elemento-beta é um termo abstrato*, ambos representam a sensação do lactente de que o seio é realmente, no caso, um objeto externalizado. Note-se que o seio bom, doce só existe por que foi evacuado o seio mau. O mesmo se dá com o seio amargo, ele só vai desaparecer com o aparecimento do seio bom.

*Não se pode considerá-lo objetivo nem subjetivo. Dos objetos doces, amargos... abstraem-se a doçura e a amargura... e, uma vez abstraídas, as abstrações podem novamente ser aplicadas a realizações que não as originais. A experiência emocional, por exemplo, associa-se ao seio, em que a criança sente que o objeto existe, independentemente dela, e que dele depende para satisfação de sua sensação de fome... O enunciado concreto seria: existe o seio do qual depende para a satisfação de sua fome por alimento. O enunciado abstrato, a abstração seria: há algo que lhe pode dar e lhe dá o que deseja quando o deseja.*

Com estas experiências, o bebê vai aprendendo a *realizar abstrações*. Para tanto, estas abstrações são *reconhecidas* pela criança através de *formulações*, visto que, a partir de uma vivência emocional, de uma percepção acerca do objeto, é possível a invenção de muitas formulações, criadas a partir da representação. Portanto, *da experiência emocional e da formulação que a representa, abstrai-se uma série de formulações ulteriores*. As situações que se encontram na análise são:

*1) o paciente, incapaz de abstração, esforça-se por existir com o aparelho mental empenhado na introjeção e projeção de elementos beta; 2) o paciente, capaz de abstração, produz sistemas teóricos muito distanciados do acervo de realizações do qual se abstraíram, mas multiplica esses sistemas, segundo as normas que harmonizaram entre si as abstrações de quaisquer sistemas; 3) o paciente, capaz de abstração, multiplica sistemas que não parecem de acordo com nenhum sistema verificável - estes casos são evidentes na paranóia; 4) o paciente capaz de abstração e de formação de sistemas, de acordo com normas que lhe asseguram que o sistema não é em si incompatível, é incapaz de descobrir as realizações a que o sistema abstrato se aplica; 5) o paciente é capaz de abstração e de combinar essas abstrações em sistemas segundo normas e, partindo da abstração, pode-se chegar à abstração primeira que lhes deu origem.*

Através da discussão de 1 a 5, pode-se examinar a abstração como um fator da função-alfa. Faz-se isso, segundo Bion, do seguinte modo:

*A primeira (abordagem) é a elucidação das realizações originais da abstração. A segunda é esclarecer o relacionamento do modelo (da maneira que Freud usa o termo na passagem referente ao aparelho reflexo, como modelo do aparelho para sonhar) com a realização de que se derivam a abstração e os sistemas dedutivos teóricos. Em que extensão, em que circunstâncias se vê ou se usa essa realização*

*original como modelo da abstração dela derivada? Implícita nesta questão, inadvertidamente, está o uso do aparelho digestivo como modelo para os processos de pensamento.*

*Para se evitar confusão, é importante e convém que se preserve a distinção entre a representação, formada de elementos-alfa combinados para produzir um sistema dedutivo teórico abstrato e o modelo formado de imagens concretas combinadas, de acordo com o que se concebeu como a correlação entre os componentes da realização original. Que dizer, no entanto, do emprego de nosso conhecimento do aparelho digestivo para formar o modelo, não dos processos implícitos no pensamento, mas dos processos implícitos no pensamento acerca do pensamento?*

*Como pensar a respeito do pensamento, qual o método correto? Podemos, inadvertidamente, usar o modelo do tubo digestivo. Essa indagação é relevante pelo fato de certos pacientes digerirem seus pensamentos – cavilação obsessiva – quando, meditando, os pensamentos sofrem transformação análoga aos alimentos. Certas idéias sobrevivem e expressam, como evidência em um manancial de confusão, que seus pensamentos forma destruídos e perderam seus significados, tal como as fezes. Naturalmente, as interpretações, nestes casos, devem evitar a referência ao aparelho digestivo. Na verdade, toda a metalinguagem da ciência está impregnada do modelo sensorial, como quando se diz *pensar com clareza* – as *idéias claras* de Descartes – quando acabamos por representar as realizações – abstrair – nos domínios do pensamento, pelos modelos de realização original, além do que, as abstrações da criança não são as mesmas do adulto, como se vê nas fantasias sexuais.*

**&XVII algoritmo – devemos descrever o tipo de abstração que nosso paciente faz: incapaz de abstração, esforça-se por existir com o aparelho mental empenhado na introjeção e projeção de elementos beta. Capaz de abstração, produz sistemas teóricos muito distanciados do acervo de realizações de que se abstraíram, mas multiplica esses sistemas, segundo as normas que harmonizaram, entre si, as abstrações de quaisquer sistemas. Capaz de abstração, multiplica sistemas que não parecem de acordo com nenhum sistema verificável - estes casos são evidentes na paranóia. Capaz de abstração e de formação de sistemas, de acordo com normas que lhe asseguram que o sistema não é em si incompatível, é incapaz de descobrir as realizações a que se aplica o sistema abstrato. Capaz de abstração e de combinar essas abstrações em sistemas, segundo normas e partindo da abstração, pode chegar à abstração primeira que lhes deu origem**

## Capítulos XXI a XXVI

### O que é um modelo? Quando se transforma em teorias? Qual o seu lugar?

#### Modelos e seu uso, como se faz K

No capítulo **XXI**, Bion inicia seu exame dos modelos. A eficácia do uso de um modelo está em que ele devolve o sentido do concreto a uma investigação que pode ter perdido contato com suas origens por causa da abstração e dos sistemas dedutivos teóricos. As qualidades de um modelo também ajudam o desenvolvimento de abstrações. Ele auxilia o investigador a usar a experiência emocional, aplicando-a, em sua totalidade, a uma experiência subsequente ou a determinado aspecto seu. Tanto o modelo como o sistema dedutivo científico, na verdade, apenas se aproximam da realização que os evocaram e vice-versa.

*Distingo o modelo da abstração, reservando o termo modelo para a construção em que as imagens concretas combinam-se entre si. O elo entre as imagens concretas produz, amiúde, o efeito da narrativa, estando implícito que alguns de seus*

*elementos são as origens dos outros... a abstração está, por assim dizer, impregnada das preconcepções do futuro do indivíduo. Sua similaridade com o modelo repousa (...) na experiência emocional e em sua aplicação a uma nova experiência emocional. Sua dissimilaridade está no ganho, em flexibilidade e em sua aplicabilidade, conseguido pelas perdas das imagens concretas particulares.*

*Os elementos da abstração não se combinam conforme a narrativa, mas em conformidade com o método que visa mais revelar a relação do que os objetos relacionados.... O modelo acentua as imagens visuais, mas a maneira pela qual se ligam apresenta significação menor.*

Esta incompletude entre a *realização* e sua *representação*, seja ela *abstração* ou modelo, constitui estímulo para a elaboração de novas abstrações e de novas invenções de modelos. Se a invenção do modelo e a abstração implicam uma capacidade de função-alfa, eles são compatíveis com todos os estados da mente mencionados antes, menos o primeiro: 1) o paciente, incapaz de abstração, esforça-se por existir com o aparelho mental empenhado na introjeção e projeção de elementos beta; 2) o paciente, capaz de abstração, produz sistemas teóricos muito distanciados do acervo de realizações de que se abstraíram, mas multiplica esses sistemas segundo as normas que harmonizaram, entre si, as abstrações de quaisquer sistemas; 3) o paciente, capaz de abstração, multiplica sistemas que não parecem de acordo com nenhum sistema verificável - estes casos são evidentes na paranóia; 4) o paciente capaz de abstração e de formação de sistemas, de acordo com normas que lhe asseguram que o sistema não é, em si, incompatível, é incapaz de descobrir as realizações a que o sistema abstrato aplicam-se; 5) o paciente é capaz de abstração e de combinar essas abstrações em sistemas segundo normas e, partindo da abstração, pode chegar à abstração primeira que lhes deu origem

*Considera-se o modelo como a abstração da experiência emocional ou a concretização da abstração. Esta revela afinidades com a transformação da hipótese, em termos de dados empiricamente verificáveis. No grupo, parece dever-se considerar o mito como desempenhando, na sociedade, o mesmo papel que o modelo desempenha no trabalho científico do indivíduo.*

**&XVIII algoritmo - considera-se o modelo como a abstração da experiência emocional ou a concretização da abstração. Esta revela afinidades com a transformação da hipótese, em termos de dados empiricamente verificáveis. No grupo, parece dever-se considerar o mito como desempenhando, na sociedade, o mesmo papel que o modelo desempenha no trabalho científico do indivíduo.**

### **A natureza do objeto psicanalítico**

Bion assinala que o ato de escrever este livro é uma realização de K e que as dificuldades do paciente com transtornos do pensamento são as mesmas que atrapalham os cientistas, pois implicam no fracasso no tratamento de determinados fatos e obrigam a investigar a natureza desse fracasso. Audaciosamente sustenta:

*A psicanálise do fracasso é impossível sem compreender os problemas do filósofo da ciência e, inversamente, seu problema (do filósofo da ciência) está enunciado de forma incompleta sem a ajuda da experiência psicanalítica com os transtornos do pensamento.*

Trabalha com este enfoque duplo e ocupa-se, primeiro, da abstração<sup>24</sup> como um fator da função-alfa em um vínculo **K**. Exemplifica com uma conjunção constante<sup>25</sup>: o bebê tem a sensação de ser amado pelo pai e relaciona isso à palavra dita *pa pa pa pai* e, desta experiência, ele *abstrai* alguns elementos que *dependem*, em parte, de cada bebê. Estes elementos abstraídos recebem, então, o *nome* – esta noção *nome* é uma abstração - de *papai*. Esta não é uma descrição de fatos e deve ganhar o *estatuto* (categoria) de um *modelo*, do qual se abstrai uma teoria e espera-se que seja uma representação que corresponda a alguma *realização* – fato – da teoria. Como ela aguarda ser testada, é uma hipótese: a *hipótese* chamada *papai* é o enunciado de que *certos elementos estão constantemente conjugados*. Imagine-se que o bebê encontra, agora, outra pessoa que também diz *papai*, mas de modo desacompanhado das circunstâncias acima, quando alguns elementos correspondem e outros não ao que o bebê considera a *realização* de *papai*. Ele terá de revisar sua *hipótese* para representar estas outras *realizações* de *papai*, que poderá ser abandonada e substituída ou tornada mais complexa – sistema dedutivo científico.

*Usando o modelo para abstrair uma teoria, o indivíduo deve ser capaz de abstrair de uma experiência emocional elementos que parecem estar em conjunção constante, incluindo o elemento que é o nome da teoria ou hipótese... e também é o nome da realização da qual se aproxima a teoria.*

Bion exemplifica, indicando que *cadeira* significa (1) o nome da coisa-em-si na realidade, mas que, conforme Kant, não podemos conhecer; (2) o nome que se dá ao fato selecionado; (3) o nome conferido à seleção dos sentimentos, das impressões... que se sentem como coerentes pelo fato selecionado; (4) o nome da *hipótese definidora* que nos afirma que estes três elementos estão constantemente conjugados. Assinala que os tópicos 3 e 4 fazem parte das *qualidades secundárias* de Kant. A visualização destas questões é relevante para o psicanalista, tanto no atendimento de seus pacientes, como na comunicação com o grupo. Reconhece que o uso do termo *hipótese* para o que habitualmente se denomina *conceito* é conseqüente às variáveis contidas no tópico três e à sua *instabilidade*. O problema de *como* descrever o objeto psicanalítico e a *experiência* com ele é parecido com o que Aristóteles defrontou-se, quando apontou que a matemática lidava com *objetos matemáticos*. O tópico 3 descreve o aspecto dos *objetos psicanalíticos* cuja identificação depende (1) da possibilidade de encontrarem-se meios para *comunicar* a *natureza* do objeto, o que *implica* o uso *dos próprios métodos que são objetos da investigação* e (2) do equipamento mental de que necessita o observador.

Operando a observação, Bion assinala a seguinte seqüência. De todos os elementos da realização apenas alguns nos imprimem a sensorialidade, de modo a serem tidos por nós como constantemente conjugados. Só estes conseguimos *abstrair* da totalidade dos dados (elementos) que denominamos *realização*. Acontece posteriormente uma nova abstração, quando se atribui aos elementos um nome que, se percebe, é diferente da realização que representa, já que a abstração sempre deve operar como uma pré-concepção *insaturada*. A abstração deve poder generalizar e particularizar, concretizar, passando pelo modelo de que a generalização se origina.

*O modelo provê uma base de significado que pode evitar que o enunciado esteja tão divorciado da realidade que se torne inapropriado para ser cotejado com sua realização... isto torna-se fraqueza na situação de um vínculo –K... Evidente no paciente incapaz de abstrair... quando não pode distinguir o nome das coisas das coisas-em-si.*

---

<sup>24</sup> Isto é, a capacidade de construir modelos, modos de compreensão, que é um fator da função-alfa e que acontece em um vínculo no qual predomina o conhecimento.

<sup>25</sup> O encontro freqüente de eventos acompanhados de emoção – experiências emocionais – onde dados elementos estão constantemente unidos. Hume usou o termo para referir-se a abstrações – em oposição ao perceptível pelos sentidos – que ocorriam juntas e que, como tal, era consensualmente aceito.

**&XIX algoritmo - a psicanálise do fracasso é impossível sem compreender os problemas do filósofo da ciência. O modelo deve, por sua vez, abstrair uma teoria ou se relacionar a alguma já existente. Devemos ser capazes de abstrair de uma experiência emocional elementos que parecem estar em conjunção constante, incluindo o elemento que é o nome da teoria ou hipótese... e também é o nome da realização de que se aproxima a teoria.**

Bion formula então a natureza do objeto psicanalítico. Suponha-se que  $\phi$  representa uma constante e  $(\xi)$ , um elemento não saturado que determina o valor da constante, uma vez que seja definido. Podemos usar a constante desconhecida  $\phi$  para representar uma *pré-concepção inata*. A *realização* do seio encontrado pelo lactente representa, diz Bion, uma experiência emocional que corresponde às *qualidades primárias e secundárias de um fenômeno, segundo Kant*. As qualidades secundárias determinam o valor de  $(\xi)$  e, portanto, o valor de  $\phi$  ( $\xi$ ), sendo que estes sinais representam, agora, uma pré-concepção. O elemento previamente não saturado ( $\xi$ ) e a constante  $\phi$  compartilham um componente que é o caráter inato da personalidade, que pode ser representada por (M).

*O objeto psicanalítico é designado então por  $\phi$  ( $\xi$ ) (M). O valor de (M) como o de ( $\xi$ ) é determinado pela experiência emocional acumulada durante a realização, ou seja, no modelo, pelo contato com o seio. O valor do objeto psicanalítico  $\phi$  ( $\xi$ ) (M) é determinado então pela identificação de ( $\xi$ )(M) que é precipitado pela realização.*

Como todos os conceitos biológicos, o conceito de objeto psicanalítico deve conter em si os fenômenos do crescimento que pode ser considerado positivo ou negativo, os quais serão representados como +/- Y.

*Representarei o objeto psicanalítico por {+/-Y $\phi$  ( $\xi$ ) (M)}*

A abstração do objeto psicanalítico está relacionada com a solução de exigências conflitivas do **narcisismo** versus **socialismo**. Caso a tendência seja social +Y, a abstração se relacionará com o isolamento das qualidades primárias. Caso a tendência seja narcisista, estará relacionada com -K, narcisismo. K, o conhecimento psicanalítico, implica na abstração do objeto psicanalítico representado por {+/-Y $\phi$  ( $\xi$ ) (M)}, revelando matizes de transformação do simbólico, busca de significado, com áreas não saturadas como as pré-concepções, mas sem a matriz inata.

*A expressão conhecimento, a priori, só se aplica aos objetos psicanalíticos em que  $\phi$  é uma incógnita cujo valor só se determina pela identificação de ( $\xi$ ) sem restrições.*

A relevância destas abstrações é que, como se percebe, elas dão conta de outras realizações, representam outras experiências emocionais de que não se originaram e, assim, sucessivamente, permitindo outras abstrações, nas quais continua se desenvolvendo.

Bion inicia, na seqüência do capítulo **XXII**, o **XXIII**, descrevendo o processo de criação de uma fórmula matemática por Poincaré:

*Para que um novo resultado apresente valor, cumpre-lhe unir elementos há muito conhecidos, embora até então dispersos e, aparentemente, estranhos um ao outro, além de, subitamente, introduzir ordem, onde reinava a aparência de desordem. Ele assim nos permite ver de relance cada um dos elementos no lugar que ocupa no todo. Não só o fato novo é valioso por si, mas ele, sozinho, confere valor aos velhos fatos que une. Nossa mente é frágil como os nossos sentidos. Ela se perderia na*

*complexidade do mundo, se essa complexidade não se harmonizasse. Como o míope, ela veria apenas os pormenores e se condenaria a esquecer cada um deles, antes de examinar o seguinte, por se mostrar incapaz de considerar o todo. São dignos de nossa atenção somente os fatos que introduzem ordem na complexidade, tornando-a, assim, acessível a nós.*

Bion aponta para a similitude desta concepção com a teoria das posições esquizo-paranóide e depressiva de Klein, bem como com o seu conceito de *fato selecionado* para recorrer ao que o se experimenta no processo de síntese. Os fatos selecionados, junto com o fato selecionado que parece imprimir coerência a determinados fatos selecionados, emergem do objeto psicanalítico ou da série de tais objetos, diz Bion. Ele assinala a diferença entre este modo de ver as coisas do mundo e os princípios que dão conta de um sistema dedutivo científico. Neste as hipóteses reúnem-se por normas, embora na *realização* o que dá conta do problema é o fato selecionado. Estas normas são calcadas nas leis da lógica que ganharam importância no pensamento racional.

*O fato selecionado é o nome da experiência emocional, a experiência emocional da sensação de descoberta de coerência. Sua significação é, por conseguinte, epistemológica e não se acredita que seja lógica a correlação dos fatos selecionados.*

A questão de as leis lógicas terem ou não *realização* como coisas-em-si é um problema platônico. Platão achava que sim, mas, em geral, pensa-se que não. De qualquer modo, persiste a distância entre a *realização*, o *fato selecionado* e o *sistema dedutivo científico*. Então, os elementos do objeto psicanalítico conjugam-se constantemente de maneira muito diversa daquela pela qual suas *representações* ligam-se no sistema dedutivo científico. Qualquer experiência vivida pode ser usada como modelo para alguma experiência futura e isto está relacionado ao próprio uso do aprendizado como pano de fundo para o mecanismo de atenção.

*O valor de um modelo consiste em que seus dados familiares estão disponíveis para satisfazer qualquer necessidade urgente, interna ou externa. O fato selecionado precipita o modelo.*

Naturalmente, para Bion, antes que algum dado sensorial possa ser usado como modelo, deve ser transformado em elementos-alfa, armazenado e utilizável para abstração. O modelo se impõe durante a experiência para a qual se fez necessário, retirando os elementos da memória, os quais são cotejados com o evento que se quer esclarecer.

*Da experiência, a personalidade abstrai os elementos que, espera, retornem e, com eles, forma o modelo que deverá preservar algo de sua experiência original, mas com flexibilidade bastante para permitir a adaptação a novas experiências...*

**&XX algoritmo - K, o conhecimento psicanalítico, implica a abstração do objeto psicanalítico representado por  $\{+/-Y\phi(\xi)(M)\}$ , revelando matizes de transformação do simbólico, busca de significado, com áreas não saturadas como as pré-concepções, mas sem a matriz inata. O modelo se impõe durante a experiência para a qual se fez necessário, retirando os elementos da memória, que são cotejados com o evento que se quer esclarecer. O valor de um modelo consiste em que seus dados familiares estão disponíveis para satisfazer qualquer necessidade urgente, interna ou externa. O fato selecionado precipita o modelo.**

Bion, nesse emaranhado de conceitos e detalhes, propõe-se a esclarecer, exemplificando nos capítulos **XXIV** e **XXV**. Inicia supondo que o paciente produz certas associações e mais material para-verbal, por exemplo, e assinala que o analista tem a seu dispor: (1) as observações sobre o

material do paciente; (2) diversas experiências emocionais próprias; (3) o conhecimento de uma ou mais versões do mito de Édipo; (4) o conhecimento de uma ou mais versões da teoria psicanalítica sobre o Complexo de Édipo; (5) outras teorias psicanalíticas fundamentais. Destas fontes, ele formará o *modelo*, mas *não* é fácil decidir se o analista está às voltas com a Teoria Psicanalítica do Complexo de Édipo, pois aqui o termo teoria está bem longe do conceito que chamaríamos sistema dedutivo científico, embora seja uma formulação que tenta chegar lá. A fragilidade como teoria está em que não é abstrata e na rigidez peculiar da articulação dos elementos entre si, própria da concretude dos elementos. Ainda, estes elementos são derivados de um mito, contrastando francamente com os elementos de um sistema dedutivo científico e, como derivados de um mito, ficamos sem saber a verdadeira natureza da rede de relações na qual estes elementos estão imersos. Enquanto o sistema dedutivo científico é capaz de se replicar, realizar-se de vários modos e gerar inúmeros modelos para testar realizações, *a formulação psicanalítica é derivada e expressada mediante a experiência emocional de uma narrativa folclórica e dizemos que representa uma realização que surge nos tratamentos analíticos.*

Bion aponta duas fraquezas metodológicas na Teoria do Édipo: (1) a teoria é tão concreta que, com seus lugares e sua rede narrativa intrínseca e essencial, não encontra sua realização nunca – como se fosse uma pedra que nunca será exatamente igual a outra pedra - e, pelo inverso, se *generalizarmos*, gerará uma simples manipulação de dados, pois acabará explicando qualquer coisa, que aparece bem na crítica em que analista e analisando gostam de se envolver, no uso de um jargão. *Como fazer com que a teoria retenha seus elementos concretos sem perder a flexibilidade essencial para a explicação psicanalítica?* Bion sustenta estar convencido do vigor da posição científica da prática psicanalítica e considera premente a necessidade de investigar a fragilidade que emerge da construção teórica falha, da falta de registro eficaz, da manutenção e de cuidados com equipamento teórico psicanalítico, no grupo ou no analista. Responde esta pergunta, como veremos, *propondo o conceito de modelo como o intermediário teórico entre a realização e a teoria.*

*Considera-se o MODELO como a abstração da experiência emocional ou a concretização da abstração...*

Toma como exemplo de modelo a história imaginária da criança que aprendeu a palavra *papai*. Como vimos, não é um fato e origina-se do atendimento de pacientes, da observação de crianças e de inúmeras leituras. Deriva-se em suma, diz Bion, de *minha* experiência, um artefato de inúmeros elementos selecionados por *mim* que se formou para um fim específico que, no caso, é elucidar, explicar como se forma a *abstração*, a *representação*. Sua importância está em sua capacidade de se contrastar com os fatos, apenas isto, enquanto o relato de um paciente que sente as palavras como coisas não é um modelo, mas sim um exemplo clínico, isto é, uma *realização*.

*Inventei o modelo para elucidar minha experiência com determinado paciente e o adoto para compará-lo com a realização. Potencialmente, toda realização aproxima-se da abstração ou do sistema dedutivo científico, mesmo quando ainda não se lhe descobriu o que lhe corresponda.*

*Posso encontrar o que procuro, comparando o modelo com a realização; caso não encontre, abandono o modelo. Os modelos são efêmeros e, a este respeito, diferem das teorias.*

*Inventei o modelo para elucidar minha experiência com determinado paciente e o adoto para compará-lo com a realização*

Os modelos podem ser facilmente abandonados. Caso sejam muito frequentemente úteis, devem ser transformados em teorias. Os modelos podem ser inventados livremente, só não podem ser confundidos nem com as realizações, nem com as teorias. Um problema particular é a distinção

entre modelo e uma determinada forma de teoria, a *interpretação*. O processo de abstração segue da realização para as teorias, sistema dedutivo científico através da *fase intermediária dos modelos*. O modelo deve espelhar o *desenvolvimento da realização*. Não interessa apenas que seja estanque, como quando falamos em *mecanismos mentais*, quando o modelo estará implicando mais o inanimado. Na verdade, diz Bion, só necessitamos de modelos, quando estamos às voltas com desenvolvimento e crescimento e, como se vê, *mecanismo* é algo que não implica desenvolvimento e crescimento. Um problema relevante da psicanálise é a proximidade do modelo com a realização como quando ♀ ♂ está muito próximo como em boca seio, e pênis vagina, usados para expressar ♀ ♂.

*O processo de abstração da realização prossegue, diretamente, da realização para o sistema dedutivo científico, através da fase intermediária da invenção do modelo.*

*A transformação que o modelo tem que sofrer, para permitir seu emprego como generalização, é análoga ao processo pelo qual os dados sensoriais transformam-se em elementos-alfa.*

**&XXI algoritmo - os modelos podem ser facilmente abandonados; caso sejam muito freqüentemente úteis, devem ser transformados em teorias. Os modelos podem ser inventados livremente, só não podem ser confundidos nem com as realizações, nem as teorias. Um problema particular é a distinção entre modelo e uma determinada forma de teoria, a interpretação. O processo de abstração segue da realização para as teorias, sistema dedutivo científico através da fase intermediária dos modelos. O modelo deve espelhar o desenvolvimento da realização. Não interessa apenas que seja estanque, como quando falamos em mecanismos mentais, quando o modelo estará implicando mais o inanimado. Na verdade, diz Bion, só necessitamos de modelos quando estamos às voltas com desenvolvimento e crescimento**

### **Amor, Ódio e Conhecimento: modelos do pensar**

Um vínculo pode implicar um *modelo* ou uma *abstração*. Os problemas dos pacientes podem ser decorrentes do fato de ele empregar mal seus modelos. Nestes casos, o analista deve contrastar seu modelo com o do paciente. O modelo deve permitir que os fatos observados possam ser entendidos e interpretados. No caso, o analista necessitará de um modelo para examinar o modo de pensar do paciente que constrói modelos inadequados ou os usa inadequadamente. *Como encontrar um modelo para o paciente que usa as palavras como coisas-em-si?* Um modelo de distribuição ampla é o que se origina da experiência emocional do aparelho digestivo, diz Bion. Para o caso, ele nos auxilia a falar de *fatos* (palavras) *não-digeridas*. Mas é necessário construir um modelo melhor, pois é óbvia sua proximidade com a realização, com o inanimado, além de não dar conta de fatos clínicos. Bion lembra que Freud usou os modelos, segundo os quis o pensamento servia como restrição da descarga motora, empenhando-se em conseguir alterar a realidade. A descarga motora substitui o pensamento e pode continuar a ser utilizada para descarregar o aparelho. Bion sustenta que

*Através da identificação projetiva, porém, o pensamento assume a função previamente confiada à descarga motora – isto é, livrar a psique dos acréscimos de estímulos. Tal como a ação, propende à alteração do meio, dependendo se a personalidade visa à fuga da frustração ou à sua modificação. Considera-se o pensar como o nome do modelo ou da abstração que se origina da realização.*

Devemos sempre reparar o que o paciente diz, quando diz que *pensa*; o que ele representa com esse termo. Um paciente pode dizer que *está tendo pensamentos* e que *é o seio falta-do-seio*, e aí, nossa tarefa é ver como seu aparelho dá conta disso.

*O problema simplifica-se, quando se consideram os pensamentos como, epistemologicamente, anteriores ao pensar e que o pensar tem que se desenvolver como o método ou o aparelho para lidar com os “pensamentos”.*

Então, na verdade, tudo depende do que fazer com os pensamentos: serão **evitados**? **modificados**? ou **usados** como parte da tentativa de evitar ou usar algo mais? Se estão próximos de quantidades (estímulos), assemelham-se a elementos-beta, passíveis de descarga pela motricidade. Deve-se considerar o *falar* como tendo duas atividades diferentes (alfa e beta), uma que comunica os pensamentos e outra que desembaraça dos acréscimos de estímulos.

*Cumpra produzir-se um aparelho que torne possível pensar o pensamento já existente.*

Bion toma como **modelo**<sup>26</sup> de *um pensamento-a-ser-pensado* a sensação de fome, que se associa à imagem visual do *seio-que-não-satisfaz*, mas que, pela fome, pertence à categoria dos objetos de que necessitamos. O objeto de que se necessita é o objeto mau. São objetos que *tantalizam*<sup>27</sup>, fazem-se necessitados porque não são possuídos, pois possuídos não fariam falta e, como não existem, são objetos peculiares, diferentes dos que existem, são objetos maus que devem ser eliminados, mas que não podem sê-lo nem pela fuga, nem pela modificação.

*O problema se resolve pela evacuação destes pensamentos ou elementos primitivos, protopensamentos, quando o impulso de fugir à frustração domina a personalidade e pelo pensar os objetos, quando predomina o impulso de modificar a frustração.*

Bion recomenda cuidado com o modo como entendemos o que é pensamento. No paciente em que predomina a fuga à frustração, o que este paciente chama de *pensamento* é um elemento-beta, a coisa-em-si e, no caso de predominar a modificação da frustração, o pensamento, as palavras, os nomes, referem-se a representações, a abstrações e não à coisa-em-si. Se o paciente não consegue “*pensar*” com os seus pensamentos, intensifica-se a frustração, já que falta o pensamento no aparelho-para-pensar-os-pensamentos, que suportaria a tensão, impedindo a descarga do aparelho. O paciente toma medidas para se livrar deles, pois, para ele, não estão separados da frustração. O fracasso é duplo, quando ocorre a falta do aparelho-para-pensar-os-pensamentos, pois se dá a pobreza de elementos-alfa e a falta de uso destes elementos. Aqui ocorre uma transição entre pacientes que recuperam a função-alfa, começam a sonhar, mas continuam usando mal as partículas e a tela-alfa, recorrendo à identificação projetiva como o mecanismo que cuida dos pensamentos. Depois, pode ocorrer melhora da função-alfa com predomínio do princípio de realidade e uma mudança correspondente na identificação projetiva, que se torna menos uma fantasia onipotente e mais operativa sobre o objeto externo, no qual pode ser contrastada e ganha consistência. O analista toma ciência de uma mudança no impacto, sobre si, das manipulações do paciente.

---

<sup>26</sup> Um problema em Bion é a despreocupação com que usa os termos, correndo atrás das idéias.

<sup>27</sup> Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e, em um festim, serviu-lhes a carne do próprio filho Pélops.. Como castigo foi lançado ao [Tártaro](#), onde, em um vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao se aproximar da água esta escoava e ao se erguer para colher os frutos das árvores, os ramos, sob a força do vento, moviam-se para longe de seu alcance. A expressão **suplício de Tântalo** refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular “Tão perto e, ainda assim, tão distante”. <http://pt.wikipedia.org/>

*O “pensar”, no sentido de envolver-se com a atividade que se relaciona ao uso dos pensamentos é embrionário, mesmo no adulto, e precisa ainda desenvolver-se amplamente em nós humanos.*

Este problema do **uso** depende (1) dos “pensamentos” e (2) do “pensar” que se desenvolve em resposta ao desafio representado pela existência dos pensamentos. De qualquer modo, diante de um problema de pensamento, de uma crise psicótica, devemos, diz Bion, olhar o desenvolvimento e a natureza dos pensamentos (elementos-alfa e beta) e, depois, a natureza do aparelho usado para tratar os pensamentos e, só então, considerar qual conteúdo ou outro fator contribuiu para a crise. Critica estas divisões:

*A divisão e a prioridade são epistemológica e logicamente necessárias, quer dizer que a teoria que o pensamento é anterior ao pensar é ela mesma anterior, na hierarquia de hipóteses de um sistema dedutivo científico, à hipótese do pensar. Uma prioridade correspondente é epistemologicamente necessária na realização correspondente à teoria do pensar que esbocei aqui.*

O *sistema dedutivo científico* é necessário, porque o *modelo* criado durante a *experiência emocional* ocorrida na *realização*, ou não, com o objeto não é suficientemente abstrato – como os números, os sinais algébricos, por exemplo. Deve ser elaborado longe da experiência emocional e constitui ato consciente de construção no curso do qual se escolhem sinais e se formulam leis para sua manipulação.

*O modelo se forma pelo desempenho de capacidade semelhante à que se evidencia quando os dois olhos operam, em visão binocular, para relacionar duas perspectivas do mesmo objeto. O emprego em psicanálise do consciente e do inconsciente, para se considerar o objeto psicanalítico, assemelha-se ao uso dos dois olhos, na observação ocular do objeto sensível ao olhar.*

**É possível um sistema destes para o desenvolvimento dos pensamentos e para o aparelho que o emprega?** Bion responde nos capítulos **XVII** e **XVIII**. Ensaia, a partir de agora, os requisitos necessários para construir este sistema. (1) As condições apropriadas à observação, quando o observador deve ter reduzido apropriadamente suas dificuldades de contato com o mundo interno e deve ter um bom aparelho-para-pensar. (2) O passo seguinte é controlar seus mecanismos de *atenção*, impedindo que o *juízo* atrapalhe sua observação e deixando o *juízo* para o processo da *interpretação*.

*O estado de devaneio (reverie) que dirige a função-alfa ao surgimento do fato selecionado<sup>28</sup> e à invenção do modelo, junto com o equipamento restrito a algumas teorias essenciais, assegura como pouco provável a perturbação da observação.*

O surgimento do fato selecionado é acompanhado de emoção, tal como a que se experimenta em relação ao objeto na reversão da perspectiva, como nos jogos de ilusões em que existem várias figuras – fatos selecionados – em uma só – fato selecionado. Este processo depende da *atenção relaxada*, matriz da *identificação e da abstração* do fato selecionado.

*Do modelo, assim inventado e de sua união com a realização é que se abstrai uma teoria especial, a interpretação psicanalítica que deve ser diferenciada da teoria associada ao sistema dedutivo científico. O analista ocupa-se com dois modelos: um que ele é convocado a inventar e outro implícito no material que o paciente produz.*

---

<sup>28</sup> Elemento que empresta coerência aos objetos da posição esquizo-paranóide, iniciando a posição depressiva, acompanhando-se ou não de perseguição e depressão.

O modelo é produzido pelo analista como uma parte da construção de teorias e não é, em si mesmo, uma interpretação, como sabemos. No caso de um paciente produzir material edipiano – teoria - por exemplo, cumpre determinar por que ele produziu esse material e qual a interpretação exata. O modelo faz a sua parte na atribuição de lugares e na definição da interpretação, permitindo ao analista contrastar o que o paciente diz com teorias conhecidas.

*O modelo ressalta dois grupos de idéias, aqueles relacionados com o material do paciente e os relacionados com o corpo da teoria psicanalítica.*

Através da construção de modelos, é possível manter a estrutura da teoria psicanalítica e, ao mesmo tempo, dinamizá-la para fazer frente às necessidades da clínica psicanalítica. De um lado, a teoria pode ser rígida demais, de outro, os analistas podem criar adendos teóricos inúmeros, *ad hoc*, ao invés de usar a teoria existente de forma adequada. Para Bion, a vantagem da teoria das funções e de seu desenvolvimento na construção de modelos permite a proximidade do paciente mesmo vivo, em uma particularização que não implica a proliferação de novas teorias.

*A construção de modelos aumenta assim o número de contingências a que se pode enfrentar e diminui no número de teorias psicanalíticas necessárias para o trabalho. Se todos os analistas se dessem ao trabalho de construir uma lista mínima de teorias fundamentais da qual pudessem deduzir inúmeras teorias secundárias, creio que não se reuniriam mais que seis teorias fundamentais... Haverá menos tendência à formulação de novas teorias, quando( ...) se mantiver clara a distinção entre modelo e teoria. O perigo reside em estar emaranhado em um sistema teórico que frustra, não por ser inadequado, mas por não estar sendo devidamente utilizado.*

Os dois últimos capítulos – **XVII** e **XVIII** - ocupam-se de um resumo do texto todo no qual se vê claramente a tarefa de Bion. Desde a segunda tópica, quando Freud colocou o *processo de representação* a serviço do ego, como algo a ser construído e reconstruído constantemente, a proposta de Bion é a descrição de como isto se dá. Ele busca a argumentação contida em Hume e Kant, especialmente a partir de dois vértices: (1) de como isso é impresso pelo ambiente, de modo a conter, no processo simbólico, a própria história humana, grupal, familiar e pessoal, da mãe especialmente e (2) as nossas vicissitudes, do lactente, em especial com suas peculiaridades no processamento de suas emoções, em que a *tolerância à frustração* ocupa o lugar mais relevante. A impressão que se tem é que, do ponto de vista da formalização, Bion esgota o tema, deixando lugar apenas para a discussão do *como* – quais métodos, quais códigos - se dá isto.

Estes capítulos ocupam-se com a construção de teorias, em especial a das funções, as quais *não* fazem parte da teoria psicanalítica.

*São instrumentos de trabalho, por meio dos quais o psicanalista desincumbe-se dos problemas do pensar a respeito de algo que desconhece.*

Propõe o conceito de *função psicanalítica da personalidade* que designa como *função*, com o sinal  $\phi$ , assinalando que a *função-alfa* seria um fator de  $\phi$ . *Fator é o nome do elemento de qualquer função*. Pode ser representado pelo elemento não-saturado ( $\xi$ ) em  $\phi(\xi)$ , e estar próximo da *realização*. A *realização* adequada ao elemento não-saturado é um *objeto* de *investigação* psicanalítica. Ele argumenta pela distinção entre a *teoria das funções* e as demais teorias propriamente psicanalíticas. Klein descreveu como os aspectos maus do lactente são projetados no seio bom e depois re-introjetados melhorados. Desta teoria, Bion *abstrai* o modelo de *continente* no qual se projeta o objeto e a do objeto projetado dentro do continente, designado como *conteúdo*.

*O continente e o conteúdo mostram-se, pela emoção, susceptíveis de conjunção e difusão. Sejam assim conjugados ou difusos ou de ambas as maneiras, eles mudam de um modo que, amiúde, se descreve como crescimento. Desligados ou despojados de emoção, perdem a vitalidade, isto é, aproximam-se dos objetos inanimados. O continente e o conteúdo são modelos de representações abstratas, de realizações psicanalíticas.*

Designa-se, continuando a abstração, como  $\Psi$  para o continente e  $\Phi$  para o conteúdo. Estes sinais tanto denotam<sup>29</sup> como representam (conotam). Podem ser variáveis, caso sejam substituíveis ou constantes, caso não o sejam. Bion considera que **K**, embora seja uma função de dois objetos, *pode ser considerada função de um objeto apenas*. Sua manifestação mais precoce e primitiva ocorre no relacionamento da mãe com o seu bebê, no início relação de objeto parcial, por isso dizer-se seio-boca. Em termos *abstratos* será  $\Psi$  e  $\Phi$ . Em **K**, sendo **L** e **H** fatores e, portanto, subordinados,  $\Phi$  se projeta dentro de  $\Psi$ , resultando a *abstração* chamada *comensal*, desde que sejam reciprocamente dependentes para benefício mútuo e sem prejuízo de nenhum deles. A mãe beneficia-se com a experiência e completa seu *crescimento* mental e o bebê, igualmente, o físico e mental.

*A criança introjeta essa atividade entre duas pessoas, que aqui descrevo, de maneira a instalar, dentro de si, como parte do aparelho da função-alfa, o aparelho  $\Psi \Phi$ . O modelo fundamenta-se na idéia da criança que explora o objeto, colocando-o na boca.*

A partir desta argumentação, Bion propõe a seguinte *abstração* (teoria) como *representando a realização do desenvolvimento dos pensamentos*, com as seguintes *designações*: (a) *pré-concepção*, correspondendo a um estado de expectativa – *atenção e investigação* – apresentando as características, diz Bion, do que Kant atribuiu ao pensamento sem conteúdo, naquilo que se pode pensá-lo, mas não se pode conhecê-lo; (b) *concepção* como resultantes da união da *pré-concepção* com as impressões sensoriais convenientes. Assinala que se tome cuidado para não inverter o fluxo da busca, pois a *abstração* da relação da *pré-concepção com as impressões sensoriais* é  $\Psi$  com  $\Phi$  e não  $\Phi$  com  $\Psi$ .

*A internalização da relação da mãe com o seu bebê (...) forma o aparelho para a regulação da pré-concepção com os dados sensoriais convenientes.*

A repetição da união da *pré-concepção* com os dados sensoriais e o que resulta da *abstração comensal* promovem o crescimento em  $\Psi$  com  $\Phi$ , isto é, o crescimento aqui diz da capacidade de usar os dados sensoriais, o que implica o princípio de realidade. Bion toma de Elliott Jaques o conceito de *retículo* para construir um modelo do que seja *crescimento*.  $\Psi$  desenvolve-se por acréscimo, produzindo vacúolos que se conjugam

*Resulta o retículo, em que as lacunas são os vacúolos e os fios que formam a rede do retículo são as emoções.*

---

<sup>29</sup> Denotação é a representação do objeto mesmo e conotação é o conjunto de qualidades dos objetos. O *branco* denota o objeto branco e conota, representa, a *brancura*.

O modelo para o crescimento<sup>30</sup> de  $\phi^n$  é o meio em que os conteúdos estão suspensos. Os conteúdos devem ser pensados como emergentes de algo *desconhecido*. A parábola fornece uma imagem bidimensional.

*O meio na relação comensal  $\psi$  com  $\phi^n$  é dúvida tolerada. Vale dizer,  $\phi^n$  que se desenvolve, encara-se como semelhante aos elementos da posição esquizo-paranóide, mas sem o sentido de perseguição... um estado que não vê a coerência entre os elementos.*

Bion propõe, então a seguinte *formalização – abstração* – para expressar este crescimento visível na parábola. De um lado, temos ( $\psi \neq \psi + \psi \dots$ ) e de outro, ( $\phi^n \cdot \phi^n \cdot \phi^n \cdot \phi^n \dots$ ), em que os sinais + simbolizam variáveis, que se substituem por sinais que representam emoções e os sinais  $\cdot$  simbolizam a constante que representa a dúvida. Estamos às voltas com uma capacidade de duvidar, manter em suspenso as emoções. Os  $\psi$   $\phi^n$  em crescimento fornecem a base para o aparelho para aprender com a experiência. **Dos pensamentos e do desenvolvimento dos pensamentos origina-se o aparelho para pensar os pensamentos.** Bion considera agora a natureza e a ação deste aparelho.

*Considera que ele não apresenta estrutura rígida, definida... Simbolizarei o crescimento como  $\phi^n$  na potência n e  $\psi$  na potência n. O aprender depende de (...) manter-se integrado e de, todavia, diminuir a rigidez.*

*Esta é a base do estado mental do indivíduo que pode conservar seu conhecimento e experiência e, sem dúvida, estar preparado para reconstruir experiência passadas de um modo que se mantenha receptivo a novas idéias.*

Usando esta última afirmação como modelo, Bion faz a abstração que os elementos ( $\psi$ ) em um sistema reticular na potência n mantém-se pela constante +, passíveis de substituição, funcionando, portanto, como variáveis. É esta propriedade que é capaz de operar um aparelho que modifique as emoções “+”; dessa capacidade de substituição das emoções depende a receptividade  $\psi$ . Do mesmo modo, a penetrabilidade dos elementos  $\phi^n$  depende do valor de “.”, a dúvida. **Que emoções são compatíveis com a relação comensal, com K, com o crescimento?** O símbolo  $\psi$   $\phi^n$  representa a realização emocional relativa ao aprender, que se torna cada vez mais complexa, em um evento crescente e recorrente, tendo iniciado em pré-concepções indiferenciadas simples como respiração, excreção e amamentação, atingindo o ápice com  $\psi$  na potência n. Abstrações desta relação incluem a formação de palavras, afirmando conjunções constantes de certos dados sensoriais, até abstrações como sistemas dedutivos científicos que ainda retém as características iniciais de  $\psi$ , **revelando e realizando-se em um universo em expansão**, contido pelos sistema dedutivos referidos, levando o equivalente fenomenológico de  $\phi^n$  **em crescimento, na potência n, a ser o infinito.**

*Os elementos de muitos sistemas dedutivos científicos combinam-se – tendo-se, disso, exemplo habitual no uso da hipótese do sistema dedutivo como premissa em um sistema dedutivo diferente... a liberdade necessária a estas recombinações depende das emoções que assaltam a psique, de vez que constituem as conexões nas quais se incrustam os sistemas dedutivos científicos e os elementos  $\phi^n$  na potência n.*



*A tolerância da dúvida e a tolerância do sentido de infinito revelam-se o conectivo essencial de  $\varnothing^n$  na potência n, quando K é possível.*

### **-K (menos K)**

Bion assinala, ensaiando a resposta à pergunta sobre quais *emoções* são compatíveis com a *relação comensal*, com **K**, com o *crescimento*, que o paciente que sofre de distorção do pensamento beneficia-se pouco com o assinalamento destas distorções. Desenvolve, então, a idéia que alguns pacientes interessados em provar sua superioridade sobre o analista – **narcisismo e baixa tolerância à frustração** – mostram que o analista fracassa em suas interpretações, distorcendo-as e tentando demonstrar que seu modo equivocado de compreendê-las é superior à compreensão consensual. Busca uma concepção mais ampla para dar conta do problema e recorre à *abstração representada* por **K**, invertendo o sinal e convertendo-o em **-K**. Supõe que todos os *fatores* de **K** são também *invertidos* e que todas as teorias que possam ser fatores – como as contidas nas palavras em negrito entre parênteses acima – devem ser consideradas como *pré-concepções*, priorizando a *insaturação*, para facilitar a busca dos fatores de **K** (**-K**). Estes fatores agora, pela *insaturação*, podem ser representados como  $\varnothing^n$ . Para esclarecer o conceito, Bion aponta que está se referindo a um estado mental em que *investigamos, procuramos* alguma coisa e outro em que *emitimos um juízo*. A vantagem de empregar o  $\varnothing^n$  para designar o novo papel dos fatores em **K** indica que existe um elemento que permanecerá *insatisfeito* até que encontre sua *realização* adequada, elemento que pode ser *representado* por  $\varphi$  ( $\xi$ ), sendo que  $\xi$  representa a área não-saturada do elemento.

**Por que existe algo como -K?** Bion considera que é possível responder a esta questão no atendimento individual dos pacientes e leva em conta, no momento, apenas um fator: a *inveja* e referência Klein. Outro fator seria a relação comensal<sup>31</sup> entre  $\varnothing^n$  e  $\varnothing^n$ . Em **-K**, que seria como representaríamos um paciente  $\varphi$  ( $\xi$ ), no qual a inveja é um dos fatores que aguardam saturação, em que a relação, ao invés de ser + (comensal) entre  $\varnothing^n$  e  $\varnothing^n$ , passa a ser  $\varnothing^n$  *inveja*  $\varnothing^n$ . Esta formulação, no caso de representar o seio e o bebê, na situação em que o lactente sente medo de ser aniquilado, levaria ao seguinte modelo: ele dissocia e projeta seu sentimento de medo no seio, junto com a inveja e o ódio pelo seio *imperturbável*. A *inveja* impossibilita uma relação comensal. Em **K**, haveria a re-introjeção do medo como algo calmo, tranquilizador, mas em **-K**, não. Aqui o lactente sente que o seio invejoso lhe tira o elemento bom e valioso contido no medo de morrer. O bebê que inicia com medo de morrer acaba cheio de coisas vazias e com um *terror sem nome*. A inveja é mais efetiva no uso dos mecanismos projetivos do que o medo. Violenta, ela leva toda a personalidade a ser evacuada, desenvolvendo pouco mais do que a aparência de uma psique.

*O objeto que descrevi como sendo reintrojado como  $\varnothing^n$  e  $\varnothing^n$ , em K era aquele em que a relação era comensal. Em -K ela é invejosa...*

Bion propõe então estudar as características do  $\varnothing^n$   $\varnothing^n$ , especialmente no caso em que a relação entre ambos é a inveja. Considera que uma característica relevante é um

*estado de falta, um objeto interno sem exterior. Um canal alimentar sem um corpo. É um superego que praticamente não tem nenhuma das características do superego como o entendemos em psicanálise: é um “super” ego (supersuperego). É uma*

<sup>31</sup> O **comensalismo** é um tipo de relação ecológica entre duas espécies que vivem juntas.. O termo comensal significa algo como "convidado à mesa", assim o termo comensalismo foi utilizado para designar relações alimentares em que uma espécie beneficia-se dos restos da outra, sem prejudicá-la. Atualmente, no entanto, o conceito estendeu-se para qualquer relação, alimentar ou não, na qual uma espécie beneficia-se sem prejudicar a outra, sendo assim considerada uma relação harmônica. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comensal>

*afirmação invejosa, de superioridade moral sem nenhuma moral... é a resultante de um desnudar ou despojar invejoso de todo o bom ... entre duas personalidades... Quanto à sua semelhança com o superego, menos masculino e menos feminino, mostra-se como um objeto superior, encontrando falhas em tudo. A característica mais importante é o ódio a qualquer novo desenvolvimento da personalidade.*

Portanto, o aparecimento de qualquer tendência a buscar a verdade, ter contato com a realidade, abstrair, representar, teorizar, ser um cientista é recebido por ataques destrutivos e pela reafirmação de uma superioridade “moral”, quando a lei moral será superior à lei científica. Ou, de outro modo, o que se tenta essencialmente é reter o poder de despertar culpa (supersuperego), não se prestando, portanto, à atividade criativa, produtiva. Em contraste com **K** inerente a  $\alpha$   $\beta$ , envolvidos com o *aprender*, o -  $\alpha$   $\beta$  priva de sentido os elementos, impedindo o processo de *abstração* e *crescimento*. Esta função destrói, ao invés de promover conhecimento. O êxito de menos  $\alpha$   $\beta$  tem como resultado o *crescimento* em *desenvolvimento* e *poder* de -  $\beta$ , que sempre converterá o  $\beta$  -  $\beta$ .

*Em outras palavras, os elementos-alfa, como quer que tenham sido conseguidos, são adquiridos para serem convertidos em elementos-beta.*

Em **K**, a particularização e a concretização do abstrato (e vice-versa) são possíveis, mas em - **K** não, pois o abstrato e o geral são coisas-em-si mesmos. Bion encerra com um notável alerta a nós todos.

*Finalmente, embora eu não vá prosseguir, percebe-se que as teorias, em que usei os sinais **K** e -**K**, representam a realização em grupos. Em **K**, o grupo cresce pela introdução de novas idéias e pessoas. Em -**K**, a nova idéia (ou pessoa) é privada de seu valor e o grupo, por sua vez, sente-se desvalorizado pela nova idéia. Em **K**, o clima conduz à saúde mental. Em -**K**, nem o grupo, nem a idéia podem sobreviver, em parte devido ao produto do processo de despojar ou privar.*

## Considerações finais

Segue a retranscrição dos algoritmos que consideramos relevantes e que poderão ser modificados na dependência de novas leituras.

**&I algoritmo** – existe algo presente na mente, que separa o que é consciente do que é inconsciente, do que é estar acordado, sonhar e do que é estar dormindo, do que é vivo e do que não é vivo e que compõe a consciência-de-si, que transforma quantidades em qualidades, *númeno* em *fenômeno*, simboliza a realidade. É muito relevante descrever como isto opera e onde isto está. Bion a denomina *função-alfa*.

**&II algoritmo** - é muito relevante observar o emaranhado de emoções e notar que mesmo algo tão criativo como o amor pode ser prejudicial para o acesso à realidade. Devemos estar especialmente atentos a isto na clínica: *se dermos menos, provavelmente seremos menos invejados e teremos mais chance de ajudar.*

**&III algoritmo** – esta observação na clínica de pessoas que sentimos mais ou menos vivas fica explicada por forças e suas resultantes com origens pulsionais. É relevante observar que a atuação ‘pulsional’ da ‘mãe’ é muito determinante na composição destas resultantes. Esclarece-se a patologia do vazio e o problema do cientista com sua dificuldade de acesso ao animado, ao vivo.

**&IV algoritmo** – a teoria da função-alfa é necessária para explicar por que estes diferentes estados da mente – sonhar, acordar, dormir, empatizar, pragmatizar, devanear (*reverie*) e prospectizar – mantendo algo como uma consciência-de-si que se calcula pela consciência ou não do outro (grupo, social) – empatia, introspecção – operantes – cria o que chamamos vida mental - e separadas para cada momento vital.

**&V algoritmo** - a teoria das funções e a teoria da função-alfa mostra como o paciente percebe que experimenta sentimentos, mas não pode aprender com eles. Tem sensações tênues, mas também não pode aprender com elas. A determinação de não sentir coexiste com a incapacidade para rejeitar ou ignorar qualquer estímulo.

**&VI algoritmo** – a clínica com pacientes psicóticos não valida o sistema consciente – inconsciente e sim um mais complexo, no qual o lugar principal é ocupado pela barreira (tela, porque é furada) alfa e beta, em formação constante por uma função alfa frágil. A identificação projetiva dos elementos-beta revela a fome que o paciente tem da busca da verdade na função alfa, busca da vida. Também, na tela beta persiste material transgeracional, grupal e institucional, aguardando sua transformação em alfa.

**&VII algoritmo** – agora temos mais um modelo, instrumento, na clínica psicanalítica. Depois de examinar o ego do paciente, temos de responder como ele se sonhou, como ele foi sonhado, como eram o conteúdo e a forma da função alfa que o subjetivou.

**&VIII algoritmo** – Somos subjetivados entre duas realidades com diferentes graus de visibilidade; a interna e a externa. A idéia de um auto-engendramento atribuída aos kleinianos, como vemos, não é verdadeira. O pensamento só se modifica por presenças no mundo externo.

**&IX algoritmo** – a base biológica para a tolerância à frustração *versus* a capacidade de *reverie* (função-alfa) da mãe dará a amplitude do que podemos conter e de como seremos contidos pelo *mundo* e de quanto acessaremos a coisa-em-si. Lembremos que Kohut mesmo diz que seus pacientes – narcisistas – terminam o tratamento, capazes de suportar mais a frustração, exatamente quando deveriam começá-los.

**&X algoritmo** – a isenção na observação e o exame periódico dos dados, contrastando sempre os sistemas teóricos que estão sendo utilizados para a busca de regularidades estruturais e a contaminação na colheita do material analítico, devem ser tarefa sistemática do analista.

**&XI algoritmo** – um sistema de notação pode começar com a descrição dos três sistemas de vínculos propostos por , a partir da convicção, clareza e contraste de idéias do analista.

**&XII algoritmo** – a experiência humana de conhecer envolve os mesmos problemas que as experiências de amar ou odiar. Envolve um sentimento doloroso – inerente às experiências emocionais – que coloca a questão de *fugir* disso ou *modificar* isso. Do que o sujeito cognoscente, paciente, cientista ou analista conseguir fazer com essa dor, dependerá o grau de fidelidade do modelo, abstração, que construirá na sua mente para dar conta da realização, realidade.

**&XIII algoritmo** – devemos estar cientes que formulamos hipótese básicas que são abstrações e podemos detectar qualquer tendência a falsear as teorias com que está operando, isto é, a abstração transforma o arsenal teórico em uso. As teorias devem ser sociabilizáveis,

compartilháveis com outros e estarão em correlação com enunciados abstratos de realizações das quais não foram derivadas, auxiliando na busca do padrão que poderá fundamentar uma teoria. Porém, é difícil acreditar que a sensorialidade (...) pode trazer material valioso, quando o objeto dos sentidos é uma experiência emocional de uma personalidade.

&XIV algoritmo – a função alfa gera o que chamamos consciência na sua amplitude e especificidade, dando qualidade ao psíquico. *A atribuição de valor ao termo função-alfa é tarefa da psicanálise e não se consegue isso de nenhuma outra maneira. É um objeto e um instrumento que o analista põe em atividade, construindo modelos, a partir do contato com a realização – a personalidade do paciente.*

&XV algoritmo – devemos estar atentos para como a função-alfa dá conta das emoções, pulsões, assim como dá conta dos sentidos, da realidade, exatamente como se estivéssemos entre *duas escuridões*. Assim, a coisa em si mesma, a idéia da coisa e as emoções não se distinguem, quando trabalhadas pela função-alfa na busca da verdade.

&XVI algoritmo – devemos estar atentos para como a função-alfa dá conta das emoções, pulsões, assim como dá conta dos sentidos, da realidade, exatamente como se estivéssemos entre *duas escuridões*. Assim, a coisa em si mesma, a idéia da coisa e as emoções não se distinguem quando trabalhadas pela função-alfa na busca da verdade.

&XVII algoritmo – devemos descrever o tipo de abstração que nosso paciente faz: *incapaz de abstração, esforça-se por existir com o aparelho mental empenhado na introjeção e na projeção de elementos beta. Capaz de abstração, produz sistemas teóricos muito distanciados do acervo de realizações de que se abstraíram, mas multiplica esses sistemas, segundo as normas que harmonizaram, entre si, as abstrações de quaisquer sistemas. Capaz de abstração, multiplica sistemas que não parecem de acordo com nenhum sistema verificável - estes casos são evidentes na paranóia. Capaz de abstração e de formação de sistemas, de acordo com normas que lhe asseguram que o sistema não é em si, incompatível, é incapaz de descobrir as realizações a que o sistema abstrato se aplica. Capaz de abstração e de combinar essas abstrações em sistemas, segundo normas e partindo da abstração, pode chegar à abstração primeira que lhes deu origem.*

&XVIII algoritmo - *considera-se o modelo como a abstração da experiência emocional ou a concretização da abstração. Esta revela afinidades com a transformação da hipótese, em termos de dados empiricamente verificáveis. No grupo, parece dever se considerar o mito como desempenhando, na sociedade, o mesmo papel que o modelo desempenha no trabalho científico do indivíduo.*

&XIX algoritmo - *a psicanálise do fracasso é impossível sem compreender os problemas do filósofo da ciência. O modelo deve, por sua vez, abstrair uma teoria ou se relacionar a alguma já existente. Devemos ser capazes de abstrair de uma *experiência emocional* elementos que parecem estar em *conjunção constante*, incluindo o elemento que é o nome da teoria ou hipótese... e também é o nome da realização da qual se aproxima a teoria.*

&XX algoritmo - K, o conhecimento psicanalítico, implica a abstração do objeto psicanalítico representado por  $\{+/-Y\phi(\xi)(M)\}$ , revelando matizes de transformação do simbólico, busca de significado, com áreas não saturadas como as pré-concepções, mas sem a matriz inata. O modelo se impõe durante a experiência para a qual se fez necessário, retirando os elementos da memória, que são cotejados com o evento que se quer esclarecer. *O valor de um modelo consiste em seus dados familiares estarem disponíveis para satisfazer qualquer necessidade urgente, interna ou externa. O fato selecionado precipita o modelo.*

**&XXI algoritmo - os modelos podem ser facilmente abandonados. Caso sejam muito freqüentemente úteis, devem ser transformados em teorias. Os modelos podem ser inventados livremente; só não podem ser confundidos nem com as realizações, nem com as teorias. Um problema particular é a distinção entre modelo e uma determinada forma de teoria, a interpretação. O processo de abstração segue da realização para as teorias, sistema dedutivo científico através da fase intermediária dos modelos. O modelo deve espelhar o desenvolvimento da realização. Não interessa apenas que seja estanque, como quando falamos em mecanismos mentais, quando o modelo estará implicando mais o inanimado. Na verdade, diz Bion, só necessitamos de modelos quando estamos às voltas com desenvolvimento e crescimento**

Recomendamos a leitura atenta dos últimos capítulos acima resumidos, que contém idéias muito preciosas:

*Através da identificação projetiva, porém, o pensamento assume a função previamente confiada à descarga motora – isto é, livrar a psique dos acréscimos de estímulos. Tal como a ação, ela propende à alteração do meio, dependendo se a personalidade visa à fuga da frustração ou à sua modificação. Considera-se o pensar como o nome do modelo ou da abstração que se origina da realização.*

*O problema simplifica-se quando se consideram os pensamentos como, epistemologicamente, anteriores ao pensar e que o pensar tem que se desenvolver como o método ou o aparelho para lidar com os “pensamentos”.*

*Cumprir produzir-se um aparelho que torne possível pensar o pensamento já existente.*

*O “pensar”, no sentido de se envolver com a atividade que se relaciona ao uso dos pensamentos é embrionário, mesmo no adulto, e precisa ainda desenvolver-se amplamente em nós humanos.*

*O modelo forma-se pelo desempenho de capacidade semelhante à que se evidencia quando os dois olhos operam, em visão binocular, para relacionar duas perspectivas do mesmo objeto. O emprego em psicanálise do consciente e do inconsciente, para se considerar o objeto psicanalítico, assemelha-se ao uso dos dois olhos, na observação ocular do objeto sensível ao olhar.*

*O estado de devaneio (reverie) que dirige a função-alfa ao surgimento do fato selecionado<sup>32</sup> e à invenção do modelo, junto com o equipamento restrito a algumas teorias essenciais, assegura como pouco provável a perturbação da observação.*

*Do modelo assim inventado e de sua união com a realização é que se abstrai uma teoria especial, a interpretação psicanalítica que deve ser diferenciada da teoria associada ao sistema dedutivo científico. O analista ocupa-se com dois modelos: um que ele é convocado a inventar e outro implícito no material que o paciente produz.*

*O modelo ressalta dois grupos de idéias: aquele relacionado com o material do paciente e aquele relacionados com o corpo da teoria psicanalítica.*

*Haverá menos tendência à formulação de novas teorias quando (...) se mantém clara a distinção entre modelo e teoria. O perigo reside em estar emaranhado em um*

---

<sup>32</sup> Elemento que empresta coerência aos objetos da posição esquizo-paranóide, iniciando a posição depressiva, acompanhada ou não de perseguição e depressão.

*sistema teórico que frustra, não por ser inadequado, mas por não estar sendo devidamente utilizado.*

*A criança introjeta essa atividade entre duas pessoas, que aqui descrevo, de maneira instalar, dentro de si, como parte do aparelho da função-alfa, o aparelho  $\Psi$   $\Phi$ . O modelo fundamenta-se na idéia da criança que explora o objeto, colocando-o na boca.*

*A internalização da relação da mãe com o seu bebê (...) forma o aparelho para a regulação da pré-concepção com os dados sensoriais convenientes.*

*Considera que ele não apresenta estrutura rígida, definida... Simbolizarei o crescimento como  $\Phi$  na potência n e  $\Psi$  na potência n. O aprender depende de (...) manter-se integrado e de, todavia, diminuir a rigidez.*

*Esta é a base do estado mental do indivíduo que pode conservar seu conhecimento e experiência e, sem dúvida, estar preparado para reconstruir experiência passadas de um modo que se mantenha receptivo a novas idéias.*

*A tolerância da dúvida e a tolerância do sentido de infinito revelam-se o conectivo essencial de  $\Phi$  na potência n quando K é possível.*

#### **Endereço para correspondência:**

Ana Cristina Briani - [anabriani@yahoo.com.br](mailto:anabriani@yahoo.com.br)

Betina Cerri Gazolla – [bgazolla@terra.com.br](mailto:bgazolla@terra.com.br)

Carlos Marcício Naumann Machado – [cmn.machado@brturbo.com.br](mailto:cmn.machado@brturbo.com.br)

Eliane Perotti Rezzadori – [eperotti@terra.com.br](mailto:eperotti@terra.com.br)

Fernanda Real - [fernandareal@hotmail.com](mailto:fernandareal@hotmail.com)

Janaína Kriger Wagner – [janakriger@hotmail.com](mailto:janakriger@hotmail.com)

Juliano Fontanari – [jfontanari@terra.com.br](mailto:jfontanari@terra.com.br)

Lauro Dagnese – [ld@net11.com.br](mailto:ld@net11.com.br)

Luana Klein Azevedo e Souza – [luanakas@terra.com.br](mailto:luanakas@terra.com.br)

Mayara Pessota Leite - [mayapel@hotmail.com](mailto:mayapel@hotmail.com)